



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ

DANILO BRASIL RODRIGUES

EDIANE RAQUEL PACHECO E SILVA

MARIA ELIZETE PALMERIM DOS SANTOS

**AMBIENTE ESCOLAR: UM CAMPO INTERDISCIPLINAR UTILIZANDO
MÉTODOS CRIATIVOS EM SALA DE AULA ATRAVÉS DE ARTEFATOS
LÚDICOS – PIPAS.**

MACAPÁ-AP

2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ

DANILO BRASIL RODRIGUES

EDIANE RAQUEL PACHECO E SILVA

MARIA ELIZETE PALMERIM DOS SANTOS

**AMBIENTE ESCOLAR: UM CAMPO INTERDISCIPLINAR UTILIZANDO
MÉTODOS CRIATIVOS EM SALA DE AULA ATRAVÉS DE ARTEFATOS
LÚDICOS – PIPAS.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado de Artes Visuais da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), como requisito avaliativo para a obtenção do grau de Licenciatura Plena em Artes Visuais, sob orientação do Prof. Humberto Mauro Andrade Cruz.

MACAPÁ-AP

2016

DANILO BRASIL RODRIGUES
EDIANE RAQUEL PACHECO E SILVA
MARIA ELIZETE PALMERIM DOS SANTOS

**AMBIENTE ESCOLAR: UM CAMPO INTERDISCIPLINAR UTILIZANDO
MÉTODOS CRIATIVOS EM SALA DE AULA ATRAVÉS DE ARTEFATOS
LÚDICOS - PIPAS**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Humberto Mauro Andrade Cruz (orientador)

Prof. Me. Maurício Remígio (1ºavaliador)

Prof.^a Ma. Maria de Fatima Garcia dos Santos (2º avaliador)

Nota: _____

Em: ____/____/____

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a gradecemos, a Deus por ter nos dado saúde, sabedoria e forças para termos concluído arduamente este trabalho.

Agradecemos aos nossos pais pela confiança e firmeza em acreditar que nós conseguiríamos concluir mais uma etapa em nossas vidas.

Ao professor Humberto Mauro, por sua atenção incansável, em acreditar na realização desse trabalho.

E a professora Fátima Garcia, pois, sua forma de expor e dedicação em suas aulas nos inspiraram para nossas aulas no estágio supervisionado na Escola Everaldo Vasconcelos.

Ao professor Maurício, pois, nossa pesquisa deu-se inicio a partir de suas e instigações para dentro de sala de aula.

“Para que a educação lúdica caminhe efetivamente na educação é preciso refletir sobre a sua importância no processo de ensinar e aprender.”

(Sandra Dallabona)

RESUMO

Sabe-se como a pipa no decorrer da história evoluiu, em seu processo. Neste trabalho uma abordagem sobre a relação, entre o homem e o artefato, norteia o âmbito da pesquisa. Através da contemporaneidade, chama-se a atenção para o significado da pipa, como brinquedo e suas ressignificações, no contexto social destacando cada época. Pontua-se também a evolução do brincar na aprendizagem infantil, o desenvolvimento do senso crítico e o sua criatividade. Enfatiza-se nesse trabalho a cultura local e de qual maneira as crianças utilizam e enxergam a pipa, dentro e fora de seu convívio. Ancorando-se em teorias sobre a interdisciplinaridade, conjecturam-se metodologias propícias, no ensino aprendizagem dos alunos. Neste enfoque a interdisciplinaridade passa a ser o eixo norteador deste trabalho. O projeto desenvolvido na Escola Everaldo Vasconcelos, no município de Santana – AP, pipas lúdicas, está alinhavado neste eixo: ensino aprendizagem, através da interdisciplinaridade. Apoiando-se na valorização da cultura local e levando esse projeto para dentro da escola, que destacam-se questões sobre cultura e currículo, agregando, desse modo uma pluralidade de saberes. Vinculado a essas pluralidades, percebe-se a importância, do brincar e aprender no processo educacional. Abordando, então, novas perspectivas em relação ao ensino de artes visuais.

Palavras – Chave: Pipas. Brincar. Interdisciplinaridade. Ensino de Artes Visuais.

ABSTRACT

It is known as the kite throughout history has evolved in the process. In this paper an approach to the relationship between man and the artifact, guiding the scope of the research. Through contemporary, it called attention to the significance of the kite, as a toy and its reinterpretation in the social context highlighting each time. It also points out the evolution of play in children's learning, development of critical thinking and creativity. It is emphasized in this work the local culture and which way children use and see the kite, in and out of your living. Anchoring on theories of interdisciplinarity, it is conjectured methodologies favorable, teaching student learning. In this approach interdisciplinarity becomes the guiding principle of this work. The project developed at the School Everaldo Vasconcelos, in the municipality of Santana - AP, recreational kites, is tacked on this axis: teaching and learning through interdisciplinary. Relying on the appreciation of the local culture and bringing this project into the school, which stands out questions about culture and curriculum, adding thereby a plurality of knowledge. Linked to these pluralities, we realize the importance of playing and learning in the educational process. Addressing then new perspectives in relation to visual arts education.

Key - words: Kites. Play. Interdisciplinarity. Visual Arts Education.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 01	28
Imagem 02	28
Imagem 03	30
Imagem 04	30
Imagem 05	30
Imagem 06	39
Imagem 07	42
Imagem 08	43
Imagem 09	44
Imagem 10	45

LISTA DE TABELA

Tabela I	29
----------------	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. SURGIMENTO DA PIPA.....	12
1.2 CONTEMPORANEIDADE: O USO DA PIPA E SUA APLICABILIDADE NA ESCOLA.....	15
2. INTERDISCIPLINARIDADE.....	18
2.1 ORIGEM E CONCEITO.....	18
2.2 AS REFERÊNCIAS DA INTERDISCIPLINARIDADE	20
2.3 A INTERDISCIPLINARIDADE NO BRASIL.....	21
3. O PROJETO PIPAS LÚDICAS NA ESCOLA ESTADUAL EVERALDO VASCONCELO	26
3.1 A CULTURA LOCAL E A RELAÇÃO COM A PIPA	27
4. CULTURA E CURRÍCULO: PLURALIDADE DE SABERES	33
4.1 BRINCAR E APRENDER	37
5- CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA.....	38
5.1 OFICINA.....	39
5.2 ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO DOS ALUNOS	41

5.3 RESULTADOS ALCANÇADOS	45
6- PROPOSIÇÕES PARA CONTEXTO EM ESTUDO	46
CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS.....	49
ANEXOS	51

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como temática as pipas e de qual forma, pode-se, agregar esse artefato na construção do conhecimento dos alunos. Em seu processo evolutivo a pipa, a princípio estava associada a estratégias de guerra. De acordo com Rios (2003) esta era muito utilizada como sinalização para o recrutamento de soldados. No decorrer da história a pipa foi ganhando novas formas e cores.

Este trabalho apoia-se nas teorias de Kishimoto (2010), sobre a evolução do brincar e aprender. E porque não, unir esse conceito a um artefato conhecido, pelos alunos de uma forma pedagógica?

Desse modo buscou-se agregar um projeto lúdico, no ensino aprendizagem dos alunos. Observando o projeto raízes da Escola Everaldo Vasconcelos, no município de Santana – AP, que os experimentos desse ensaio começaram. Neste contexto, destacam-se questões sobre a metodologia e estratégias que norteiam a educação, naquela escola, ou seja, processos interdisciplinares. A cultura local, fora outro eixo, que esse trabalhou buscou perceber, introduzindo, teorias sobre cultura e currículo, evidencia-se que ambos, de acordo com Fazenda (2005), podem ter pluralidades de saberes.

Também volta-se a atenção, para a reestruturação curricular, alinhavando pontos, segundo Candau e Moreira (2007). Novas perspectivas em relação ao ensino de artes precisam ser alavancadas. Como por exemplo, a ideia de brincar e aprender, algo que está quase extinto da grade curricular dos alunos de ensino fundamental, da escola em questão.

Alguns pensam que a ideia de brincar, se opõe a de trabalhar em sala de aula, ou seja, de aprender, partindo desse pressuposto, entende-se que cada cultura dá sentido ao jogo que julga ser importante, para sua sociedade. Nesta proposta, mesclando, o brincar e o ensino aprendizagem, agregando um artefato importante, para a cultural local, do município de Santana, que este trabalho empenhou-se, em compartilhar uma metodologia diferente, a qual os alunos estavam acostumados.

Sem perder-se entre o significado e o sentido, interagindo e motivando, tanto os alunos quanto a docente, responsável pela turma naquele momento, esta foi a

maneira de aprofundar, os níveis de intencionalidade da atividade: agregar a pipa como forma educadora.

1. SURGIMENTO DA PIPA

O primeiro indicio do surgimento da pipa no mundo antigo denomina-se no oriente, precisamente na china por volta de 200 a.C. Sua história não está associada inicialmente com o brinquedo mais às estratégias de guerras muito utilizada pelos generais chineses, sua versão mais aceita e quando fala - se de sua invenção. Onde segundo Rios (2003) esta era muito utilizada como sinalização para o recrutamento de soldados, para frente de batalha sendo que os mesmo nos intervalos da guerra cultivavam a terra. Conta-se também que a pipa era como um suporte para outros apetrechos para lançar fogos de artifícios, artefatos entre outros dispositivos muitos usados nas guerras.

Fala-se, todavia de um suposto feito de um general da dinastia Han¹. Onde o mesmo apropriou-se da pipa como um escalímetro para fazer uso em uma medida entre a distância de seu exército e as paredes do palácio, o que lhe renderam a escavação de um túnel na fortaleza inimiga sem serem percebidos. É a possível vitória.

Sua criação vai além das guerras, pois está associada a muitos feitos no mundo antigo como lendas, mitos, etc. [...] e a própria está ligada ao desenvolvimento do próprio homem.

O primeiro vôo do homem ficou registrado na lenda. Dédalo e seu filho Ícaro, presos no labirinto de Creta pelo rei Minos, tentaram alcançar a liberdade voando. Construíram asas com cera e penas e conseguiram escapar. Ícaro [...] chegou muito perto do sol, que derreteu a cera das asas. Caindo ao mar, Dédalo conseguiu voar até a Sicília (Itália), porém foi morto pelo rei Cócalo, que temia entrar em guerra com o rei de Creta. Fábula ou não, os homens sempre tentaram seguir o exemplo de Dédalo e o instrumento aerodinâmico, tornou realidade este sonho – a pipa – é, nos dias de hoje, um objeto em extinção, devido ao avanço tecnológico que a própria humanidade ajudou a construir. (VOCÊ, 2008, p 07).

¹ DINASTIA HAN: na china governou entre 25 a 220 d.C e teve como capital Lo-yaag.

Segundo Você (2008) o primeiro registro do homem voando sucedeu-se na Grécia Antiga pela lenda de Dédalo e Ícaro sendo que o instrumento usado para intermediar esse suposto acontecimento tenha sido as asas de um invento que lideram a liberdade, a pipa também desde do início dos tempos tem fascinado o homem com a sensação de dominar os céus, sabendo que sua criação foi em culturas arcaicas ou primitivas que não podemos esquecer que esse objeto foi por muito tempo utilizado para outros fins, e modificado com os anos para diversos usos pela humanidade.

Porém nos dias atuais sua relação com o homem não se interliga com guerras ou mitos, se estende muito além [...] do que percebemos na sociedade atual, pois com o crescimento tanto urbano desenfreado fez com que a pipa se afastasse dos grandes campos, extintos pela reurbanização necessária e tornando-a quase extinta dos céus e locais abertos.

Já sua passagem pela idade média teve um papel fundamental no campo da ciência, servindo como protótipo de novas descobertas como, por exemplo: no renascimento o artista e cientista Leonardo Da Vinci usa cerca de 150 projetos baseados nas pipas para usos aerodinâmicos. Nos Estados Unidos em 1752 uma experiência de Benjamim Franklin empinando uma pipa num dia chuvoso, em uma descarga elétrica de um raio, serviu como descoberta do para-raios; Em 1906, depois de vários testes o brasileiro Alberto Santos Dumont, fez o primeiro voo, usando um conjunto de pipas-caixas, acionadas por suas próprias forças. Este avião recebeu o nome de "14 BIS". Definitivamente a pipa teve sua importância na história da Ciência.

No entanto, fazendo um paralelo nos dias atuais o artefato pipa, criou uma concepção de antagonismo, ou seja, aquele objeto de grandes descobertas em tempos atrás, se tornou marginalizado devido ao uso do cerou e com isso banalizando o objeto artístico e de ornamentação.

Trazendo para a contemporaneidade, observamos que a pipa, um simples brinquedo passa por mudanças, e com ela, trazendo novas ressignificações para o contexto social de cada época. Vindo para a sala de aula com concepções de olhares minuciosos para a imagem, que esse artefato representa em termos o que reflete, ao uso dos brinquedos no cotidiano das crianças, e seu foco principal está no

ensino, e de como se brinca, tomando cuidados com os materiais usados para confeccionar brinquedos lúdicos.

A Educação Infantil é uma importante fase de construção dos pilares da educação e desenvolvimento da criança, na qual se deve priorizar a observação e o registro de suas atividades, a integração e ampliação de suas experiências lúdicas e interativas, e não a retenção. (KISHIMOTO, 2010, p.17)

Para Kishimoto (2010) essa evolução do brincar na educação infantil é uma fase de construção e desenvolvimento da criança, onde Rousseau afirma que é uma fase especial e precisa no desenvolvimento do ser humano, onde Aries (1986) denomina como “sentimento de infância”, que são práticas educativas na infância do brincar, isso faz com que as crianças desenvolvam o senso crítico de como ver o mundo em sua volta, estimula sua criatividade e compartilhar o aprendizado da criança com o grupo em determinado lugar e espaço. Por conseguinte, o professor e os pais têm um papel fundamental no desenvolvimento intelectual da criança.

O professor está como mediador, estimulando o senso de criatividade do aluno, recriando ambiente de satisfação aprimorando sua capacidade motora e lógica da criança, porém mediando se está certo ou errado a brincadeira e procurando estar cada vez mais perto da sociedade em sua volta.

Essa pesquisa teve início na Escola Estadual Everaldo Vasconcelos Da Silva Júnior, observando o trabalho interdisciplinar do Projeto Raízes, onde os professores de artes, geografia, história, matemática, em uma única vertente conjunta executando de uma forma mais simples de se trabalhar com um mesmo assunto. Libâneo, sobre esse conceito diz, que o importante não é a transmissão do conteúdo em si próprio, mas despertar de uma nova forma de relação da experiência vivida com o mesmo. Nessa vertente encontrada na Escola Everaldo Vasconcelos, deu-se partida para a aula e oficina com o artefato pipas para dentro do âmbito escolar,

levando um brinquedo para dentro de sala de aula e aproximando o aluno desse artefato.

Destaca-se que o brincar e ensinar nas produções de pesquisas do século XX discutem uma nova abordagem dos parâmetros curriculares dos novos tempos, buscando uma interdisciplinaridade entre o brincar e o ensino, através desse viés a criança poderia desenvolver com maior qualidade seu aprendizado, através de brinquedos tradicionais como a pipa em uma nova fonte de ensino e conhecimento infantil dentro de sala de aula.

Contudo esse ensino de cultura e interdisciplinaridade com um artefato lúdico a pipa (papagaio) na Escola Estadual Everaldo Vasconcelos tenha ocorrido por meio do estágio supervisionado II, observamos dentro desse espaço que já havia esse diálogo com a prática, e com outros objetos, todavia apenas aproximou-se, um objeto do dia-a-dia do aluno com o meio escolar, tornando-se propício uma interação de um artefato lúdico com o mesmo, usando de forma integradora em um novo método de saber no ensino das artes; tornando as aulas dentro desse ambiente escolar mais interessante, não apenas no aprendizado com o aluno, mas também com um artefato trazido do meio urbano social, para fins de ensino e pesquisa para dentro da escola.

1.1 CONTEMPORANEIDADE: O USO DA PIPA E SUA APLICABILIDADE NA ESCOLA

A pipa em sua história tem um longo caminho, perpassando gerações em diversos lugares e povos no mundo, sabe-se que esse artefato vai muito além das guerras e dispositivo científico. Na contemporaneidade seu uso é diversificado tanto como um hobby, ou puramente artístico, disputas no ar, ou guerra no ar. Já no Brasil, nota-se que a mesma é muito utilizada para fins de diversão nas férias, mais em julho onde ocorre um pequeno recesso escolar.

Vindo para o Estado do Amapá não é diferente por que ele permanece com essas mesmas características, é nesse mesmo período que as pipas colorem o céu com seus formatos e cores. Mas devido ao crescimento dos municípios, tanto vertical como populacional, a pipa vem se transformando em um objeto marginalizado pela

sociedade amapaense, pois seu uso com cerou pode provocar vários acidentes graves ou fatais. Porém essa pesquisa com as pipas tem como proposta a discursão de um objeto do cotidiano de muitas crianças como forma educadora no ensino de artes na escola como aprendizado no ensino regular de uma forma interdisciplinar ou integradora.

Pode também ser considerado que está pluralidade de saberes refere-se aos elementos culturais, aos conhecimentos práticos e da experiência que não podem ser negligenciados nos estudos sobre a educação escolar. (SANTOS, 2002, p.57).

Sabe-se que ao confeccionar uma pipa o aluno desenvolve diversos entendimentos teóricos e práticos, pois irá precisar desses mesmos conhecimentos para usar em suas disciplinas na escola como conceitos de geometria, uso das cores. Observa-se que o estudo da geometria é característica predominante da matemática e o estudo das cores das artes e que esses estudos estão relacionados com o uso em diversas profissões como: arquitetura, artes visuais, design, engenharia, etc...

As formas geométricas e as cores das pipas estão presentes em diversas situações e por que não utilizar este artefato como objeto de estudo no ambiente escolar? Santos (2002) considera uma pluralidade de saberes, pois estes saberes estão interligados na escola com muitos dos ambientes que os próprios alunos frequentam em seu momento de lazer, quando estão brincando, tanto em lugares fechados, quando abertos, e esses saberes em sua maioria são: cantigas de ciranda, amarelinha, soltar pipa entre outros. E os mesmo não podem ser descartados sem finalidade alguma, pois o lúdico é necessário em todas as fases da infância. E a pipa não é diferente, seu saber pode ser aproveitado em sala de aula como ensino, tornando esse ambiente escolar mais proveitoso para o aluno.

Um dos diversos problemas enfrentados pela escola no que se refere à formação de seus alunos é a fragmentação curricular, uma vez que os professores trabalham seus conteúdos isoladamente gerando uma descontinuidade do aprendizado. (GOES, 2011. p 01).

Tendo em vista uma certa normalidade no ensino regular absorver os conteúdos e os problemas para solucioná-los isoladamente, cada disciplina tem sua autonomia em sala de aula, pois suas grades curriculares são divididas por blocos ou grades, onde as mesmas, não dialogam os conhecimentos juntas, ocorrendo uma ministração vazia, não vinculando uma construção conjunta de saberes, mas criando barreiras espedas, tanto na pratica como no conteúdo, levando os alunos muito cedo ao desinteresse em sala de aula, como o desestímulo ao conteúdo.

Na abordagem interdisciplinar são estudadas as diversas possibilidades de soluções para os problemas ao invés de se trabalhar com os conteúdos de forma dicotomizadas. Assim, trabalhar com projetos é muito mais que desenvolver conteúdos, é pesquisar um tema que possibilita o vínculo de várias disciplinas que contribuem para a construção do conhecimento. (GÓES, 2011. p 01).

A abordagem da pesquisa se deu dentro do âmbito escolar, e tem como aplicabilidade o projeto de construções de pipas que remete a interdisciplinaridade, para soluções de um único saber em conjunto de diversificados conteúdos com variadas disciplinas, não se buscam trabalha-las isoladamente, mais sim em um único vínculo, interligando-as a partir do saber lúdico de produção. Nessa etapa procura-se desenvolver o potencial de criação do aluno. Fazendo com que ele faça um paralelo com as disciplinas dos parâmetros curriculares nacionais (PCNs) no ensino fundamental do 6^o ano, como: artes, matemática, geografia.

Na primeira etapa almeja-se o conhecimento do conteúdo histórico e seu desenvolvimento onde a pesquisa dá-se aprofundamento, de seu estudo no campo escolar no primeiro momento em sala de aula. Dentro dos estudos de artes baseando-se no próprio objeto a pipa, com uma aula expositiva com audiovisual, onde supostamente o vídeo irá transpor a história da pipa, a confecção entre outros assuntos, desenvolvendo de forma expositiva esse conteúdo complementado o estudo proposto com as pipas sua interação nas aulas com os alunos. Permitir a

interação com diferentes linguagens e disciplinas incluindo registros verbais e não verbais em sua prática.

As Observação no estudo de caso na Escola Estadual Everaldo Vasconcelos da Silva Junior, obtiveram-se entre os meses de Dezembro de 2015, a Fevereiro de 2016, as seguintes conclusões preliminares ao que diz respeito ao ensino fundamental 2 especificamente ao sexto ano antiga 5^o série ao estudo de pesquisa das pipas nas Disciplinas de Artes, Geografia, História, Matemática e Português, observou-se que os professores se utilizam da interdisciplinaridade dentro do espaço escolar, reutilizando apenas um assunto perpassando dentre as disciplinas e aprimorando o do aprendizado.

No entanto os mesmo ainda não tinham usado a pipa (ou papagaio) como estudo dentro de sala de aula, pois a Escola Estadual Everaldo Vasconcelos é uma das escolas no Município de Santana pioneira com Projetos Raízes, e estudos inovadores em diversas problemáticas, todavia passou despercebida em um brinquedo tão usado pelas crianças e adultos durante uma grande parte de sua vida. Com o andar dessa pesquisa dentro do espaço escolar abriu-se uma nova fronteira da reutilização do brinquedo como instrumento de ensino nas artes para a comunidade estudantil, sempre visando o professor, o aluno e o artefato para uso da pesquisa.

2. INTERDISCIPLINARIDADE

Partindo para o processo de estágio supervisionado II na Escola Estadual Everaldo Vasconcelos Júnior nas aulas de monitoria percebemos que os alunos estavam muito agitados, que os mesmo não davam atenção para o conteúdo que a professora estava tentando trabalhar com eles em sala de aula, como se a temática não lhe despertasse interesse nas aulas, então se teve a ousadia em buscar através da pesquisa meios aos quais permitissem montar um plano de aula e pôr em prática durante o estágio, e obter um bom resultado, e para isso acontecer recorreu-se à interdisciplinaridade.

Um termo novo, mas que vem ganhando espaço no ensino, por ser um mecanismo que possibilita a interação social e o diálogo Inter subjuntivo entre os

saberes fragmentados do cotidiano. Assim estimulando os alunos a serem mais reflexivos no processo educacional, partindo desse princípio optou-se por um artefato lúdico, a pipa para ser um meio de estudo interdisciplinar na escola ao qual possibilitou inúmeras maneiras de serem trabalhadas, relacionando com as disciplinas já estudadas em sala de aula.

2.1 ORIGEM E CONCEITO

O movimento da interdisciplinaridade surgiu na Europa com predominância na França e Itália em meados de 1960, esse período foi marcado pelo surgimento de movimentos estudantis que protestavam mudanças no ensino, queriam um ensino que atendesse não somente as disciplinas particulares fragmentadas, mas sim uma prática que possibilitasse a integração dos diversos ramos do conhecimento e do saber do aluno com a realidade.

Fazenda (2008) cita um dos principais precursores desse movimento que foi Georges Gusdorf ele apresentou em 1961, à UNESCO um projeto de pesquisa ao qual tinha uma proposta de unir um grupo de pesquisadores e elaborar um projeto de pesquisa, que viesse se opor ao movimento de especializações disciplinares que só privilegiavam o capitalismo epistemológico ao quais os professores se limitavam a uma única forma incitar o saber de uma forma limitadora com que os alunos se viam distante do real.

Segundo Melo (2003, APUD. D'ANTINO, 2008), Gusdorf tinha o intuito de enfrentar o aparecimento de inúmeras especializações propondo criar uma mentalidade interdisciplinar que pudesse enfrentar o progresso das técnicas e do surgimento das múltiplas disciplinas devido à expansão do número de especializações.

Mais tarde o projeto de Gusdorf foi idealizado com ajuda de patrocinadores da UNESCO, tinha como objetivo diminuir a distância teórica entre as ciências humanas. Esse foi um marco da origem da interdisciplinaridade, a partir daí dava o início ao ponto de partida para os projetos de pesquisa de muitos pesquisadores na compreensão da interdisciplinaridade, palavra tão expressada na contemporaneidade.

Embora muitos estudiosos venham tentando definir um conceito para a interdisciplinaridade isso ainda não foi possível, pois não precisa de um único conceito para se entender o vocábulo Interdisciplinaridade foi e ainda é muito discutido, pois existem várias definições para ela, depende do ponto de vista e da vivência de cada um, da experiência educacional, que é particular.

Esses pesquisadores se sentiam com a necessidade de dá um conceito único para a interdisciplinaridade por vários motivos como explica a pesquisadora Ivani Fazenda.

Interdisciplinaridade era uma palavra difícil de ser pronunciada e, mais ainda de ser decifrada. Certamente que antes de ser decifrada precisava ser traduzida e se não chegava a um acordo sobre a forma correta de escrita, menor acordo havia sobre o significado e a repercussão dessa palavra que ao surgir anunciava a construção de um novo paradigma de ciência, de conhecimento, e a elaboração de um novo projeto de educação, de escola e de vida. (FAZENDA, 2008, p.18)

Com isso a interdisciplinaridade não foi conceituada com um único significado, esta definição está em movimento em um processo de construção de acordo com o pensar de cada um de acordo com sua necessidade. Afinal a interdisciplinaridade perderia a sua razão se fosse conceituada com uma única definição fechada já que isso é característica das práticas disciplinares.

O conceito de interdisciplinaridade fica mais claro quando se considera o fato trivial de que todo conhecimento mantém um diálogo permanente como os outros conhecimentos, que pode ser de questionamento, de confirmação, de complementação, de negação, de ampliação, [...] BRASIL (1999, p.88).

Na Escola Estadual Everaldo Vasconcelos Junior os professores aos quais dialogou-se, sobre o assunto, se mostraram conhecedores e favoráveis sobre esses novos paradigmas de ensino, como fala a professora de Matemática Rosana Martins: *“O papel do professor é servir de mediador entre o educando e o conhecimento, buscando sempre relacionar os conteúdos estudados com as situações de vivência prática do aluno. Para que dessa forma o mesmo possa tornar-se um instrumento de mudança positiva na sociedade”*.

2.2 AS REFERÊNCIAS DA INTERDISCIPLINARIDADE

Segundo Fazenda (2008) essas referências aconteceram por etapas:

1970 - construção epistemológica da interdisciplinaridade, em busca de uma explicitação filosófica, procurava a definição de interdisciplinaridade.

1980 - explicitação das contradições epistemológicas decorrentes dessa construção, em busca de uma diretriz sociológica, tentar explicitar um método para a interdisciplinaridade.

1990 - construir uma nova epistemologia, a própria da interdisciplinaridade, em busca de um projeto.

2.3 A INTERDISCIPLINARIDADE NO BRASIL

No Brasil a palavra interdisciplinaridade começou a marcar presença em meados da década de 1970 através do estudo da obra de Georges Gusdorf, que propunha diminuir a distância teórica entre as ciências humanas. A partir daí tendo como referências esses estudos epistemológicos de Gusdorf, que surgiram os responsáveis pela introdução da interdisciplinaridade no Brasil, que foi o professor Hilton Japiassú no foco epistemológico, e a professora Ivani Fazenda na frente pedagógica educacional.

A interdisciplinaridade como movimento contemporâneo que surgiu com uma proposta de dialógicidade e de entendimento das ciências, e do conhecimento, vinha com o propósito de ruptura com o conceito de ensino tecnicista que instruía o aluno

apenas para o mercado de trabalho, romper com limites disciplinar e com a fragmentação dos saberes.

Para Japiassú (1976) a Interdisciplinaridade caracteriza-se pela intensidade das trocas entre os especialistas e pelo grau de interação real das disciplinas ao interior de um mesmo projeto. Não que a interdisciplinaridade vá extinguir os saberes disciplinares ou unir as disciplinas, mas ela implica na articulação de saberes e ações dos educadores que mostrem aos educandos que estão tendo uma prática que faz parte da realidade dele.

Nesse seguimento a interdisciplinaridade vem complementar a escola, com um conceito de integração de conhecimentos e estimular que o aluno perceba que o mundo ao qual ele vive é composto de vários fatores, que a união desses fatores tornam-se complexos e ele tem que possuir o conhecimento crítico da realidade para saber lidar com essas diversidades.

A interdisciplinaridade passou a se tornar presente no ensino brasileiro a partir da Lei de Diretrizes e Bases N5.692/71. Então vem ganhando espaço no cenário educacional brasileiro e se fortaleceu ainda mais com a nova LDB N 9.394/96 e com os PCNs. A interdisciplinaridade tornou-se uma luz no fim do túnel nas discussões, formações e práticas de ensinamentos dos professores.

Assumindo o papel de integração das disciplinas possibilitando que o aluno seja um articulador crítico-reflexivo, que possa relacionar o processo de aprendizado escolar com situações diversas vividas no dia-a-dia no meio onde o habitual, como afirma Carlos Magno:

A interdisciplinaridade contemplada nos PCNs assume como fundamento de integração a prática docente comum voltada para o desenvolvimento de competências e habilidades comuns aos alunos. Promovendo assim a mobilização da comunidade escola em torno de objetivos educacionais mais amplos, que estão acima de qualquer conteúdos disciplinares. (CARLOS, 2006. p04).

Atualmente, todos nós homens e mulheres, propomos e argumentamos a favor de uma educação mais humana, igualmente harmoniosa com o meio ambiente, solidária, compreensiva a diferença que há entre os seres que habitam o planeta, com valores guiados pela paz pela liberdade e pela justiça social.

Os processos educativos apresentam-se como complexos, propiciando mudanças não pensadas e situações imprevisíveis que fazem os educadores distanciarem-se de uma educação linear e estável. Para alcançar essa educação, os avanços no âmbito das ciências naturais e sociais indicam para o paradigma da complexidade. Proposto pelo filósofo francês Edgar Morin que introduziu um conceito de pensamento complexo na perspectiva de construir um novo modo de pensar e racionalizar desde as perspectivas das complexidades dos fenômenos. Como enfatiza Contreras, 2006, p 06:

O pensamento complexo consiste num modo de pensar ativo e crítico. Crítico porque provoca o repensar das coisas das ciências, ativo porque se apropria e questiona os conceitos científicos, como também os transforma. E ainda porque articula os saberes dos diversos âmbitos da ciência para construir conceitos e princípios que se inserem em uma construção mais ampla do conhecimento humano.

É importante enfatizar que a interdisciplinaridade supõe um eixo integrador com as disciplinas de um currículo, para que os alunos aprendam a olhar o mesmo objeto sob perspectivas diferentes. A humanidade atravessa uma época de grandes e vertiginosas mudanças em todos os âmbitos da atividade humana o que tem levado a indagações sobre a finalidade da escola no dizer de Demo (2007), há um distanciamento evidente entre a escola e o mundo das crianças e dos adolescentes, o que estaria exigindo uma real redefinição da mesma. Entende-se que esse distanciamento dela não é somente do mundo das crianças e dos adolescentes, mas da realidade social, política, econômica ética, cultural do local e do global.

A importância da interdisciplinaridade aponta para a construção de uma escola participativa e decisiva na formação do sujeito social. O seu objetivo tornou-se a experimentação da vivência de uma realidade global, que se insere nas experiências cotidianas do aluno e do professor. Levando em consideração a importância dessa interdisciplinaridade que utilizamos a pipa um brinquedo lúdico do dia-a-dia de milhares de alunos para desenvolvermos o nosso projeto de pesquisa ao qual busca uma melhor interação das disciplinas estudadas em sala com o contexto de vivências e aprendizados dessas crianças em seu meio social.

Ao planejar um projeto sobre as pipas com enfoque em um posicionamento interdisciplinar, propõe-se a utilização do aprender brincando, trabalhando com as interações e as possibilidades do trabalho interdisciplinar na Escola Estadual Everaldo Vasconcelos da Silva Junior, na qual podem unir objetivos comuns entre diferentes disciplinas. Analise de diversas disciplinas que podem interagir com o projeto sobre as pipas a serem trabalhadas em sala de aula como reflexo do dia-a-dia, instigações e experimentos do conhecimento usam-se:

Nas aulas de artes e podem ser trabalhadas as cores, formas, criatividade, momento ao qual o aluno deve deixar fluir o seu lado criativo e imaginário. Aplicando seus referenciais simbólicos na confecção de seus brinquedos.

Geografia as pipas podem ser exploradas como auxílio na explicação dos diferentes tipos de relevos, espaço, paisagem, climas, temperaturas e suas variações de acordo com cada região do Brasil.

Educações Física podem ser abordadas diferentes temas bem como os movimentos adequados ao uso da pipa, locais seguros para a brincadeira, normas de segurança, quando houver competições para fazer com que o aluno entenda e buscase promover a interatividade dos alunos.

História podem ser trabalhadas o próprio processo histórico das pipas com a certeza que alunos terão um longo método de investigação e prazeroso até chegarem a um resultado satisfatório. Despertando a eles o interesse da pesquisa da busca do conhecimento.

Matemática estudasse noções de geometria, formas, estudo de triângulos, retângulos, linhas, pontos, retas, curva que utilizasse como elementos estruturais para confecção de pipas.

Português as pipas aplicasse como temáticas para desenvolvimento de textos, poemas, poesias sobre as pipas podendo ser apenas um objeto que despertará a imaginação a criatividade dos alunos.

DIFICULDADES DE TRABALHO

A interdisciplinaridade é a palavra do século XX na educação, a uma necessidade de integração das disciplinas escolares e contextualizar com diversos conteúdos tornou - se uma necessidade de um estudo mais minucioso dos professores e pesquisadores em educação.

A interdisciplinaridade possibilita um compartilhamento de métodos de trabalho que transforme os originais gestos de inovações metodológicas ao processo de ensino e aprendizagem; favorecendo ao desenvolvimento de um procedimento que promova a autonomia dos estudantes; requerendo uma geração de soluções inéditas e inovadoras para o encaminhamento de respostas aos problemas e objetos dos estudos. Embora a palavra interdisciplinaridade esteja tão presente na educação mais ainda é muito difícil à implantação de um trabalho totalmente interdisciplinar nas escolas públicas.

As principais dificuldades são: falta de tempo para se reunir com os colegas; dificuldades de entendimento com o corpo docente; pesquisar e se dedicar a leituras; a falta de conhecimento em relação aos conteúdos de outras disciplinas; as dificuldades de relacionamento com a administração escolar; falta de materiais de apoio; a baixa remuneração salarial; a ausência de coordenação pedagógica entre as ações docentes, além do desinteresse e indisciplina dos próprios alunos e na escola Everaldo Vasconcelos Junior não é muito diferente das demais escolas públicas que mostram que não será fácil trabalhar com a interdisciplinaridade, embora a escola diga trabalhar com a interdisciplinaridade, foram observadas muitas dificuldades na prática citadas pelos próprios professores como: faltam materiais de apoio, estrutura física e etc.

Para a professora Rosana Martins de Matemática a escola tem que possibilitar um ambiente apropriado com estrutura física e pedagógica, adequada tanto para o educador quanto para o aluno, tendo como objetivo a formação do mesmo para atuar com habilidades e competências na sociedade a qual está inserido. O fato é que há mais de 20 anos a educação vinha trabalhando com esse conceito de disciplina e as coisas estavam muito acomodadas ou paradas no tempo e que o novo, cause dificuldades em ser aceito porque implicará mudanças e logo trará trabalhos para o corpo técnico da escola.

Enfim, são inúmeras as explicações relatadas por eles, mas sabe-se o quanto é necessária essas mudanças para que a escola exerça o seu real papel que não envolver apenas questões específicas do currículo escolar, mas também todas as questões de relações de poder do saber, de afeto, emoção, que estão em determinado tempo fazendo parte da vida do aluno e do professor. Afim de que se concretize a função educativa da escola, gerenciando da melhor maneira possível as diversas relações que perpassam pelo cotidiano escolar sempre com uma interatividade entre professor e aluno, ou vice versa, escola comunidade, comunidade e escola aí percebem-se que a mudança é favorável.

3. O PROJETO PIPAS LÚDICAS NA ESCOLA ESTADUAL EVERALDO VASCONCELO.

A pipa, dependendo de sua utilização pode nos garantir várias sensações de descanso mental, terapia, passa tempo e recreação. Quando confeccionada ou usada por jovens ou adultos sem uma função específica pode se torna armas de violência e destruição devido ao uso do cerol ou linhas cortantes. No entanto ao estudar o assunto verificou-se a possibilidade de implantar um trabalho interdisciplinar para os alunos do 6º ano da Escola Estadual Everaldo Vasconcelos, localizado no município de Santana estado do Amapá.

Na escola existe projeto interdisciplinar chamado de Projeto Raízes coordenado por professores da disciplina de Português, geografia, história e Artes Visuais, onde o tema abordado pelo projeto foi o preconceito, são trabalhos elaborados por alunos

da escola e expostos na semana pedagógica que acontece anualmente, tendo como público pais e moradores da redondeza da escola.

A escola é composta de diferentes disciplinas que estão divididas em blocos de conhecimentos onde, quando não há um projeto interdisciplinar, as informações ficam divididas em vários compartimentos, que facilita a transmissão e a absorção, mas não se faz um elo entre as diferentes disciplinas e desta forma não proporciona aos alunos a construção do conhecimento. (GOES e LUZ, 2008.p 01).

Os projetos interdisciplinares vão além dos limites do currículo escolar, rompendo barreiras da burocracia, pois o tema escolhido pode e deve ser explorado de forma ampla através de pesquisas, buscando informações, experiências vividas, entrevistas e outras inúmeras formas de atividades que possibilitem a construção do conhecimento. Sobretudo essa interação da comunidade e escola surge uma troca de informações positivas, agregando o saber escolar vindo dos professores e o saber do senso comum das pessoas da comunidade.

No que se refere ao conteúdo estudado na escola Everaldo Vasconcelos sobre pipas lúdicas e construção do saber, não existe na grade curricular do colégio, porém na tentativa de mudar este quadro desenvolvemos este trabalho buscamos as relações interdisciplinares do Ensino Fundamental. Segundo Capra (1996) quanto mais se estudam os problemas que ocorrem ao nosso redor, mais acreditamos que eles não podem ser entendidos isoladamente, pois são problemas que estão interligados e são interdependentes.

Uma das maneiras de trabalhar o projeto na escola é através de um tema comum do cotidiano, retirando o objeto das ruas e introduzindo de maneira pedagógica em sala de aula, fazendo assim a união de várias disciplinas, desenvolvendo através de um estudo com material auxiliar debatido, estudado e analisado com os integrantes do projeto.

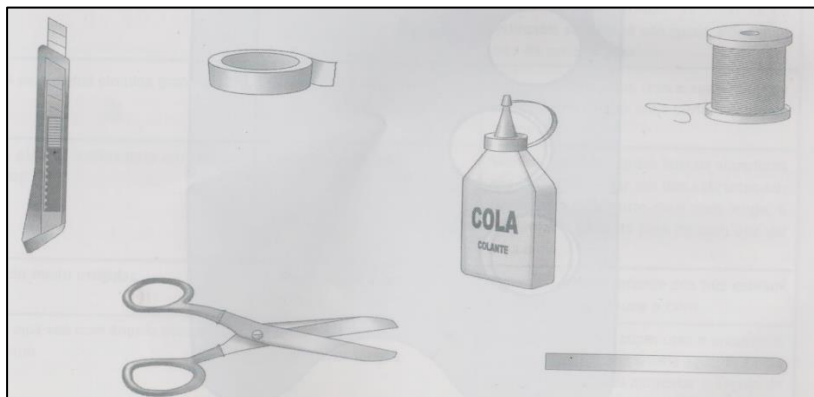
3.1 A CULTURA LOCAL E A RELAÇÃO COM A PIPA (papagaio)

O uso cultural da pipa no município de Santana é usado de forma de recreação ou mesmo passa tempo das crianças que moram em bairros e em zonas periféricas da cidade, comumente coincide com os meses de férias escolares e o início do verão amapaense, que acontece no final do mês de junho passa todo mês de julho e termina no início do mês de agosto e uma pós-temporada no inverno.

Início de dezembro até o final do mesmo mês por se tratar do clima tropical quente sem chuva propicia para o levantamento das pipas, o céu santanense fica nublado de pipas ou mesmo rabiola como são chamadas na brincadeira de soltar pipa, tem o momento de grande euforia onde se dá pelo laço que consiste em um duelo de pipas, a linha que tiver mais encerrada corta o do oponente e com isso é o vencedor.

Para confeccionar o artefato PIPA, precisasse de várias matérias como: cola, papel de seda de várias cores ou plástico, tesoura, estilete, linha e talas retiradas de uma palmeira chamada no norte do país de MERITIZEIRO².

IMAGEM 01

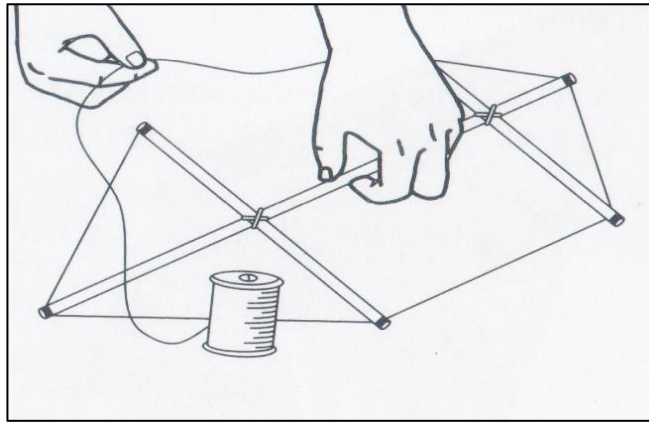


Fonte: (livro brincando com pipas 2002 de Silvio Você pag.21).

Logo em seguida cortar as talas em três pedaços sendo que duas com mesmo comprimento que será dos paralelos e uma maior que ficará no meio para definir a pipa, como mostra a imagem.

² MERITIZEIRO: arvore típica da região norte e nordeste.

IMAGEM 02



Fonte: (livro brincando com pipas planas 2008 de Silvio Você pag.38).

Encapa-se com papel de seda, sobre estrutura com linha que definirá o formato como papagaio, pipa ou curica e outros nomes:

TABELA 01

Brasil	Em outros países
Papagaio: em todo Brasil	Cometa: em países de Língua Espanhola
Quadrado e papagaio: São Paulo	Barrilete: Argentina
Pipa: Rio de Janeiro	Kite: em países de língua inglesa
Pandorga: Rio grande do sul	Tako: Japão
Raia: Paraná até Curitiba	Shirosshi e Shiem: China
Cafifa: Niterói	Papolete: México
No Norte: Curica, Cangula, Casqueta, Champeta e Pepita.	Papagaio: Portugal

Fonte: (pipassmeg.com.br>nome_das_pipas_4)

Escolhido o modelo colocasse a seda com formato de cores diferentes e o desenho pode ser definido pelo gosto da pessoa que estar fazendo a pipa, há umas sugestões de decoração, se colocar uma estrela no lado esquerdo tem que colocar outra estrela no lado direito para o peso se igualar, a ideia que a pipa tem que ficar simétrica se não ficar a consequência e não levantamento do voo adequadamente.

Usando a cola nas talas colocar-se por cima à armação da pipa e esperar até secar-se, logo em seguida corta com a tesoura as abas da pipa e dobrando-se as abas em todos os lados.

IMAGEM 03

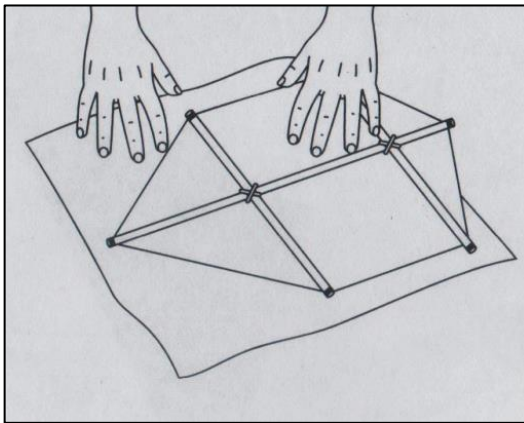
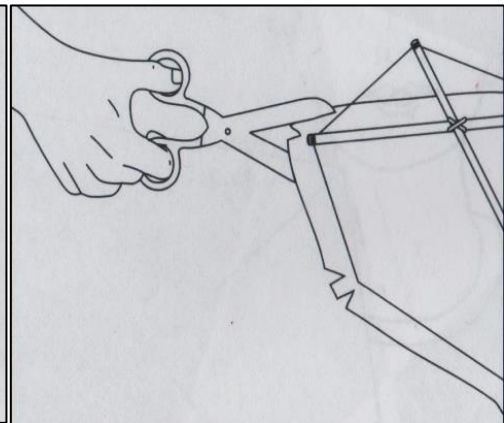


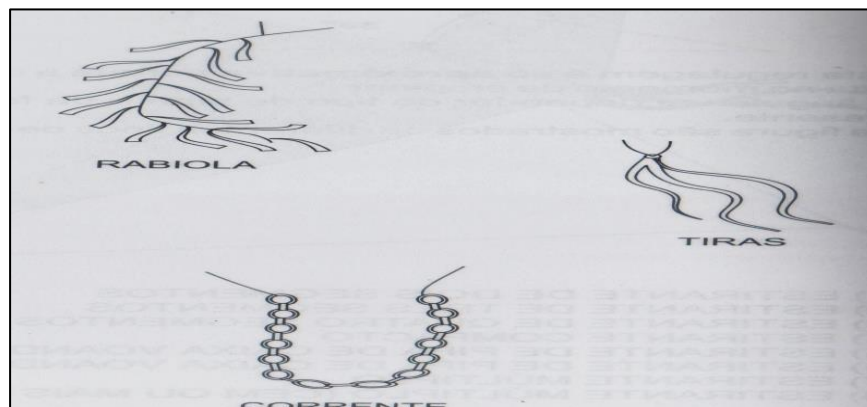
IMAGEM 04



Fonte: (livro brincando com pipas planas 2008 de Silvio Você pag.38 a 39).

Após secar a cola faz-se o cabresto ou mesmo o peitoral como é chamado na cidade de Santana, por fim a rabada ou calda nem muito grande nem pequena para dar estabilidade.

IMAGEM 05



Fonte:(livro brincando com pipas planas 2008 de Silvio Você pag.38)

Trabalhadas com formas arrojadas e cores vibrantes, preparadas para combate cada uma com suas particularidades, que sobressai no céu de Santana são os duelos de pipas, é estimulado por disputas de qual é a mais bela ou mais decorada e com maior largura e maior calda, é respeitado pelo os adversários, seguido de laços como dizem os locais que empinam as pipas, que consiste em quem corta as linhas do adversário e o melhor da área. Porém, o Pipeiro o que faz e o que empina pipa se dedicam a fazer várias pipas para subir no decorrer do dia.

“Eu faço minhas próprias rabiolas e empino, gosto de fazer do meu jeito, pois, sei o tamanho e uso as cores que eu gosto, minha melhor hora de empinar a rabiola é no final da tarde, entre as 15 até 18 horas, é quando tem bastante rabiola no céu e pouca intensidade dos raios do sol”. (Relatos do Pipeiro Izan Souza Silva).

Na tradição santanense, empinar pipas tem suas vantagens e desvantagem, no ponto auto da brincadeira tem o momento de grande prazer é quando ocorrer o duelo das pipas ou Laço é quando dois Pipeiro travam um duelo a céu aberto, entrelaçando as linhas e qual tiver o melhor cerou corta a linha do oponente e ganha o duelo, pois, tem o momento do corta e arar é quando o vencedor corta a linha da pipa do oponente e no mesmo momento consegue capturar a do adversário.

Um dos pontos positivos da brincadeira é quando o jovem sai do sedentarismo deixando de lado jogos eletrônicos, e vindos interagir com outras pessoas, constituindo assim o companheirismo, raciocínio lógico quando se utiliza das regras de proporção para melhor desenvolvimento da obra, aprimoramento da capacidade intelectual e motora, descobrindo um mundo de diversão e interação com outras crianças, por outro lado, tem a problemática do uso de cerou, goma ou cola com pó de vidro, outros tipos de linhas cortantes, prática proibida onde ocorre vários acidentes fatais devido esse uso nas áreas urbanas da cidade de Santana.

A prática lúdica de empinar pipas é inserida como brincadeiras tradicionais levada em conta o uso por diversas faixas etária, jovens, adultos, homens ou mulheres qualquer público pode usufruir da brincadeira. Nesse contexto de produção da cultura lúdica compreende-se, conforme Brougère (2004, p. 50) como “[...] uma estrutura complexa e hierarquizada, constituída [...] de brincadeiras conhecidas e

disponíveis, de costumes lúdicos, de brincadeiras individuais, tradicionais ou universais [...] e geracionais (própria a uma geração)”.

A brincadeira de empinar pipa dá à sensação de quem tá empinando voar e com isso nos leva a ilusão de liberdade, a tradição da cultura popular inserida no lúdico de empinar pipas se torna prazerosa, quando grupos de pessoas se juntam e praticam a diversão sem qualquer interferência de regras ou normas.

A palavra lúdica segundo o teórico Santin (2001) significa jogo vindo de ludus (no latim). No sentido original latino destaca ao divertir-se, na maioria dos dicionários portugueses refere-se “o que é relativo a jogos”. A palavra jogo vindo do (“latim”.) jocus tendo relação em diversas culturas com o lúdico, assim o adulto precisa dar o suporte para prática lúdica em diversos aspectos da convivência educacional da manifestação criança, entrar como o mentor dessas práticas o professor como adulto definir o que brincadeira e o que educação, transformando assim sua realidade, o lúdico estar precisando de mais espaço, não só no recreio, pátio ou aulas recreativas no âmbito escolar, podendo ser usado em diversas áreas do conhecimento educacional para o aprimoramento do intelecto das crianças desenvolvendo habilidades como: companheirismo, raciocínio lógico, coordenação motora, brincar faz parte no processo de ensino na vida das crianças no decorrer de seu aprendizado.

A vivência da criança com o adulto é de fundamental importância, pois os adultos costumam relacionar sua experiência de vida para desenvolver o caráter da criança, ou seja, as crianças são reflexos dos adultos, comumente diz o teórico Santin (2001) “a maior diferença que existe entre o adulto e a criança, é que o primeiro vive no mundo de resultados, seriedade, produtividade, e a criança no reino da imaginação entregue ao brinquedo, sem preocupar-se com o planejamento e resultados”. Por sua vez, as crianças são mini adultas obrigadas a viver em uma sociedade em que rege o sistema convencional da realidade sem brincadeiras.

Segundo Kishimoto (2006) quando o adulto usar artefato lúdico para desenvolver certos tipos de aprendizagem, surge à dimensão educativa. E mais o mesmo autor define, ao assumir a função lúdica e educativa, o brinquedo merece algumas considerações:

- Função lúdica: o brinquedo serve para diversão, prazer e até mesmo desprazer.
- Função educativa: o brinquedo serve para ensinar qualquer coisa que complete o intelecto do indivíduo, compreendendo o mundo em sua volta.

O professor que convive com alunos de opiniões e pensamentos diferenciados, precisará desenvolver em sua metodologia de ensino o lúdico na educação que resultará as decisões sobre os conteúdos adequados para cada faixa etária, dividindo assim o conhecimento de cada indivíduo e aprimorando em grupo, essas iniciativas lúdicas que possibilitam novas sugestões de ensino deixando de lado a lousa, cadernos e papéis e abrindo novos horizontes do brincar ensinando.

4. CULTURA E CURRÍCULO: PLURALIDADE DE SABERES

Em um contexto local – município de Santana – a pipa serve como sinalizador, nas áreas de tráfico de drogas. Na baixada do Ambrósio, é nesse exemplo que se observa uma área fragilizada e de difícil acesso, localizada próximo ao porto de Santana, que as rabiolas rabiscam o céu, porém, não como lazer, mas para sinalizar a chegada de entorpecentes.

É neste enfoque percebe-se a cultura de um povo, com práticas sociais a partir do seu meio de convívio, produzido e reproduzido, e que compartilha em um determinado grupo. Candau (2007).

Nesses diferentes meios sociais, complexos e de difícil acesso é que pode-se buscar uma nova reformulação no currículo dentro de sala de aula, vinculando, currículo e cultura, pois ambos juntos, poderiam trazer uma pluralidade de saberes para a socialização do indivíduo, em que este método se aplica, não detendo apenas na teoria, buscando assim, aproximar o aluno, a seu próprio ambiente, por exemplo: o assunto pipas, sua prática e objeto como estudo. Que de acordo com Fazenda (2005) são adaptações entre o vivido e o aprendido, a pesquisa no ambiente e a descoberta, o saber, o fazer e o ser, no cotidiano escolar. No entanto, o significado de cultura, é ponto relevante neste trabalho.

Segundo Candau (2007) a palavra cultura deriva muitas origens e significados, um dos primeiros referente à palavra associa-se sua origem no Iluminismo, vista tal como uma transição secular do desenvolvimento social. Porém esse termo é muito utilizado pelas ciências sociais, sugerindo uma crença de um fator harmônico desenvolvido pela humanidade, sendo que o mesmo teria ocorrido por etapas claramente definidas, e que inevitavelmente todas as sociedades passam por essa transição.

Voltando-se a essa relação entre diferentes meios sociais, culturais e uma nova perspectiva organizacional no ambiente escolar, que essa pesquisa, buscou novas metodologias com materiais educativos relativos ao meio cultural popular do aluno. Onde a pipa é o instrumento norteador da pesquisa de campo.

Buscam-se através, desse instrumento norteador, que é a pipa, novos caminhos para a atuação em sala de aula, todavia não deixando o suporte da lousa e o seu conteúdo, mas enriquecendo cada vez mais aquele ambiente, e tendo uma produção mais prazerosa com o aluno, pois a pipa é um artefato com grandes pluralidades e diversidades culturais, contribuindo desse modo a descoberta, que está atrás do saber, e o saber que advém do fazer e o ser no cotidiano escolar Fazenda (2005).

Voltando a falar sobre o município de Santana, nos seus períodos férias intermediárias, ocorre um grande fluxo de papagaios nos seus céus que colorem a cidade, acontece assim, uma intensa campanha de repressão em cima do objeto, como no empinador, pois os recorrentes transtornos por acidentes fatais trazem circunstâncias de marginalização e banalização em grande parte da população santanense.

Todavia, pontua-se a importância do artefato para sala de aula, no uso do ensino, não apenas nas aulas de artes, podendo ser usada nas diversas outras áreas de conhecimento como dispositivo lúdico de aprendizagem, estimulam e cultura. Pois juntando todos esses fatores, podem-se ter inúmeras possibilidades dentro do ensino aprendizagem.

Em relação ao currículo, sabe-se que no Brasil, este era elaborado por profissionais como os psicólogos em salas das universidades ou centros de

pesquisas, em lugares bem distantes dos saberes vivenciado no dia-a-dia das escolas, saberes que são indispensavelmente significativos para um ensino ativo e de acordo com alguns pesquisadores esses conhecimentos vivenciados no ambiente escolar é diferenciado Candau e Moreira (2007).

Todavia, o currículo era elaborado com saberes socialmente construído e eram apresentados ao corpo técnicos das escolas, também aos professores que por sua vez eram impossibilitados de inserirem em sala de aula algumas de suas vivencias metodológicas, com um bom desempenho, pois as práticas vivenciadas estavam distantes do contexto de origens.

Com todas essas discussões sobre a reestruturação de currículo chega-se a um consenso de que currículo não é um veículo, que transporta algo a ser transmitido, mas sim um lugar em que, ativamente em meio a tensões, se produz e se reproduz a cultura. Currículo refere-se, portanto, a criação, recriação contestação e transgressão. (Moreira e Silva, 1994). Com tantas mudanças em meio a esse processo que se concretizam aos poucos no currículo, pode-se dizer que se evidenciam esforços por não consolidar as situações de opressão e discriminação a que certos grupos sociais tem se submetido. (Candau e Moreira, 2007).

Pode-se dizer que cultura e currículo estão interligados de algum modo, levando em consideração todos esses processos de mudanças, que os educadores precisam ter o objetivo de tornar a educação escolar em um ensino mais crítico, reflexivo, desse modo, vão surgindo novas tendências no ensino, como a interdisciplinaridade, como já fora citado, uma palavra nova que vem ganhando espaço dentro do processo de ensino e aprendizagem.

Dando ênfase ao conhecimento de qualidade, que Candau e Moreira, (2007, p 05) explicam:

Ao nosso ver, uma educação de qualidade deve proporcionar ao (a) estudante ir além dos referentes presentes em seu mundo cotidiano, assumindo-o e ampliando-o, transformando-se, assim, em sujeito ativo na mudança de seu contexto.

Porém, esse conhecimento de qualidade, só será possível, se houver uma reestruturação do currículo na área educacional, caso contrário, as metodologias endurecidas e engessadas, nunca desaparecerão das escolas.

Também é necessário, difundir as relações entre escola e cultura, parte-se do pressuposto que o empirismo desenvolve-se nas práticas educativas do corpo docente, buscando uma relação da experiência do professor junto à cultura dos alunos gerando diversas manifestações das diferenças: de gênero, étnicas, de orientação sexual, geracional, sensório motoras, cognitivas, entre outras. Para tanto o professor busca ignorar essas diferenças, (como fora percebido na pesquisa de campo), limitando o estado burocrático pedagógico e determinando horizontes de sensibilidade para essa temática de cultura educacional na sociedade contemporânea.

No entanto, sabe-se que as perspectivas educacionais, onde o educador pode elaborar seus métodos, propícios a uma determinada cultura e/ou localidade, é na maioria das vezes, ou quase sempre limitada. A interação com a sociedade é instrumento agregador, no eixo de trabalho em sala de aula. Por exemplo, no caso das pipas, saber como este artefato pode possibilitar novas, aprendizagens para os alunos, dentro e fora de sala de aula; fazendo com que os próprios alunos se tornem, participativos durante o processo.

É o que Candau (2011, p. 246), explicita:

No caso da educação, promove-se uma política de universalização da escolarização. Todos e todas são chamados a participar do sistema escolar, tanto no que se refere aos conteúdos do currículo quanto às relações entre os diferentes atores, às estratégias utilizadas na sala de aula nos valores privilegiados.

Nesta perspectiva, os professores terão uma melhor visão de ensino quando desenvolverem um projeto de educação, que consiste em desvelar um panorama de como e quando ampliar suas habilidades que aprenderam na universidade e pôr em prática em sala de aula, por outro lado, esse projeto deve estar centrado nos alunos, procurando relacionar os conhecimentos adquiridos no âmbito escolar e preparando esses indivíduos para o espírito crítico, dando resposta para uma problemática que corrói o ensino e mobilizando a comunidade escolar.

4.1 BRINCAR E APRENDER

O brincar é visto por algumas escolas como, um espaço de criação cultural, a atividade de brincar, pode ser dotada de significação social, necessitando de aprendizagem. O brincar pode variar de acordo com cada cultura, onde cada um determina o que é designável como jogo.

Alguns pensam que a ideia de brincar, se opõe a de trabalhar em sala de aula, ou seja, de aprender, partindo desse pressuposto, entende-se que cada cultura dá sentido ao jogo que julga ser importante, para sua sociedade.

Para Sneyders (1996) o processo, brincar e aprender não seriam uma concepção ingênua, mas sim, visa um alvo específico dentro de um determinado conhecimento. Onde, pode-se associar o brincar na escola interligando com as aulas.

Com isso entende-se a importância da brincadeira, como forma de aprendizagem no âmbito escolar. A brincadeira pode exercer um papel fundamental no desenvolvimento escolar da criança, como observou-se durante a pesquisa de campo, com os alunos da Escola Everaldo Vasconcelos.

Sobre a importância da brincadeira para o desenvolvimento infantil, Kishimoto (2002, p. 150) enfatiza que: Crianças que brincam aprendem a decodificar o pensamento dos parceiros por metacognição, o processo de substituição dos significados, típico de processos simbólicos. Com isso percebe-se que o comportamento social da criança é aprendido durante a interação, seja com o adulto, ou com outras crianças.

Desenvolver um trabalho educativo, por intermédio de um artefato lúdico ou brincante, considerando sua dimensão de expressão e desenvolvimento do pensamento, pode oferecer à criança, grandes possibilidades de aprendizagem, e foi isso que a oficina pipas lúdicas, se propôs em realizar, sem perder-se entre o significado e sentido, interagindo e motivando, tanto os alunos quanto a docente, responsável pelos alunos naquele momento, esta foi à maneira de aprofundar, os níveis de intencionalidade da atividade: agregar a pipa como forma educadora.

5. CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

A escola Everaldo Vasconcelos localizada na zona sul, fora o local em que essa pesquisa iniciou, está situada em um dos bairros mais populosos do município de Santana. A mesma é composta por cerca de 1.060 alunos matriculados, 154 alunos estão no 6º ano. O foco de pesquisa esteve em uma das turmas do ensino fundamental: o 6º ano B composta por 32 alunos.

Para atingir os resultados quantitativos da pesquisa, estudamos a escola que apresentou um total de 1.060 alunos matriculados, sendo que alunos do 6ºano somam 154 e são distribuídos em 5 salas de aula. Do total de alunos da escola teremos no 6º ano 21%. Das com 5 turmas de 6º ano contendo aproximadamente 32 alunos em cada teremos a parcela de 21% da somatória dos alunos desta série que foram aplicados nossos levantamentos e sondagens. Consideramos que existe variável pequena de 2% para mais ou para menos que possam vir a diferenciar sobre os dados tabulados. Sem que tais variáveis não sejam determinantes para que possam vir a mudar as conclusões aqui apresentadas.

Este trabalho aborda a pesquisa qualitativa, quantitativa e pesquisa de campo. Buscando perceber, como o artefato pipa, pode ser sugerido em sala de aula de forma educadora. Agregando desse modo a interdisciplinaridade e o lúdico, relacionando-os ao potencial de criação dos alunos.

A abordagem iniciou a observação dos alunos e metodologia da professora; em seguida uma vídeo aula, foi proposta aos alunos, envolvendo a pipa no ensino –

aprendizagem das crianças; e posteriormente uma oficina para a confecção das pipas.

No decorrer da pesquisa houve necessidade, da aplicabilidade de um questionário para os alunos, para perceber, qual o envolvimento deles em relação à pipa e de qual maneira eles estão envolvidos nos processos lúdicos, relacionado ao ensino de artes visuais.

Porém, nem todos os alunos conseguiram responder as perguntas, pensa-se que a justificativa está na falta de hábitos dos alunos a responderem qualquer tipo de atividade já que os mesmos passam de meses fazendo apenas um trabalho. Alguns se sentiram perdidos, enquanto outros trouxeram respondidos, entretanto não estava assinado pelos responsáveis e outro grupo menor perdeu os que levaram para fazer em casa. Com isso impossibilitou a plena realização da tabulação de dados, por isso a análise de apenas 6, dos vinte questionários distribuídos em sala.

5.1 A OFICINA

O projeto oficina de pipas lúdicas surgiu do questionamento de como poderia ser introduzido um artefato lúdico no ensino aprendizagem dos alunos. Utilizando o método de pesquisa de campo, como fora enfatizado anteriormente, que a oficina iniciou. Após a vídeo aula, que relatava o processo histórico da pipa, seus nomes em diversas regiões do Brasil, e seu significado, houveram perguntas variadas dos alunos e troca de experiências múltiplas com mesmos em relação ao artefato. Em seguida deu-se partida a confecção das pipas.

IMAGEM 06



Fonte: (fotos dos alunos no momento da oficina).

Os trabalhos foram realizados em dupla, as crianças ficaram livres para confeccionar as pipas. Durante o processo, fora explicado sobre o contraste das cores, sobre cores quentes e frias, e de como elas são visualizadas no céu, no momento que as crianças interagem com o artefato.

A oficina auxiliou no estudo de caso deste trabalho, e possibilitou a observação da interação entre os alunos, e o artefato, possibilitando a introdução do processo lúdico na aprendizagem das crianças.

Ao término da oficina, após os experimentos de estagio supervisionado II, constatou-se que não fora fácil trabalhar com a interdisciplinaridade nesta escola pública, foram observadas muitas dificuldades na prática, como a falta de diálogo entre os professores. Mas o fato é que há mais de 20 anos a educação vem trabalhando com esse conceito de disciplina e que o novo, cause dificuldades em ser aceito porque implicará mudanças e logo trará trabalhos no processo de reelaboração no planejamento de ensino para o corpo técnico da escola que estava acostumada com a disciplina.

Ao planejar um plano de aula sobre as pipas, com enfoque em um posicionamento interdisciplinar propõe-se uma forma de aprender brincando e foi

muito produtivo, pois com a elaboração e desenvolvimento da oficina sobre - As Pipas foi possível compreender ainda mais o quanto as vivências, com as brincadeiras nas escolas tem um resultado positivo, quando são planejadas e executadas adequadamente, além de brincar, os alunos desenvolvem habilidades fundamentais para compreensão do que é estudado em sala de aula em diversas disciplinas e compreensão de vida com o meio social como propõe essa nova tendência de educação. Com a oficina ficou admissível pôr em prática a experiência curricular proposta por Freire (2009, p. 30) que diz “porque não estabelecer uma intimidade entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles tem como indivíduos?”.

Foram essas propostas da pesquisa, com o artefato pipas pode-se reinventar e desenvolver aulas prazerosas, bem-sucedidas ao qual utilizou-se um brinquedo do dia-a-dia com os alunos, aliado no processo de ensino e aprendizagem através de um processo mútuo de troca de experiências entre alunos e estagiários e vice-versa.

Não que esteja-se mencionando que o processo de ensino e aprendizado encontrar-se errado ou desanimado, mas que possa levar reflexões, levando em consideração saberes, e conhecimentos sociais, culturais, esses talvez não sejam considerados importantes, mas fundamentais nas práticas sociais dos alunos que na maioria das vezes professor e aluno são conhecedores fazem parte e não utilizam como prática de ensino.

No momento da oficina, realizada por 10 grupos, evidenciou-se que, houve a interação total dos alunos, em relação ao artefato. Cada dupla criou de maneira espontânea sua pipa, mesmo tendo alguns que tiveram certa dificuldade no início, mas conseguiram executar com êxito o processo.

Desse modo, compreende-se que é possível trabalhar essa interdisciplinaridade na escola, mas que para isso acontecer é necessária a competência do educador que tem que ter como base desde sua formação inicial e continuada para que possam estar abertos para novas experiências e o mais importante, ter muita coragem para trabalhar com o novo, com diferente e ser muito competente para realizar essa diferença na educação.

5.2 ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO DOS ALUNOS

Este questionário estava na forma de apenas uma questão aberta, e nove questões fechadas. Porém, destacam-se neste trabalho apenas quatro questões, para a análise do estudo de caso.

No dia da abordagem com o questionário, havia em sala de aula 20 alunos. Apenas 6 alunos, (que equivale 100%) devolveram o questionário preenchido, assim a análise em porcentagem fora realizada, somente com seis, dos vinte questionários.

A primeira pergunta do questionário, dirigida aos alunos do 6º ano, da Escola Everaldo Vasconcelos foi se os alunos gostam do ensino de artes visuais. Esta pergunta fora dirigida a eles, para analisar a motivação dos alunos pela disciplina.

IMAGEM 07

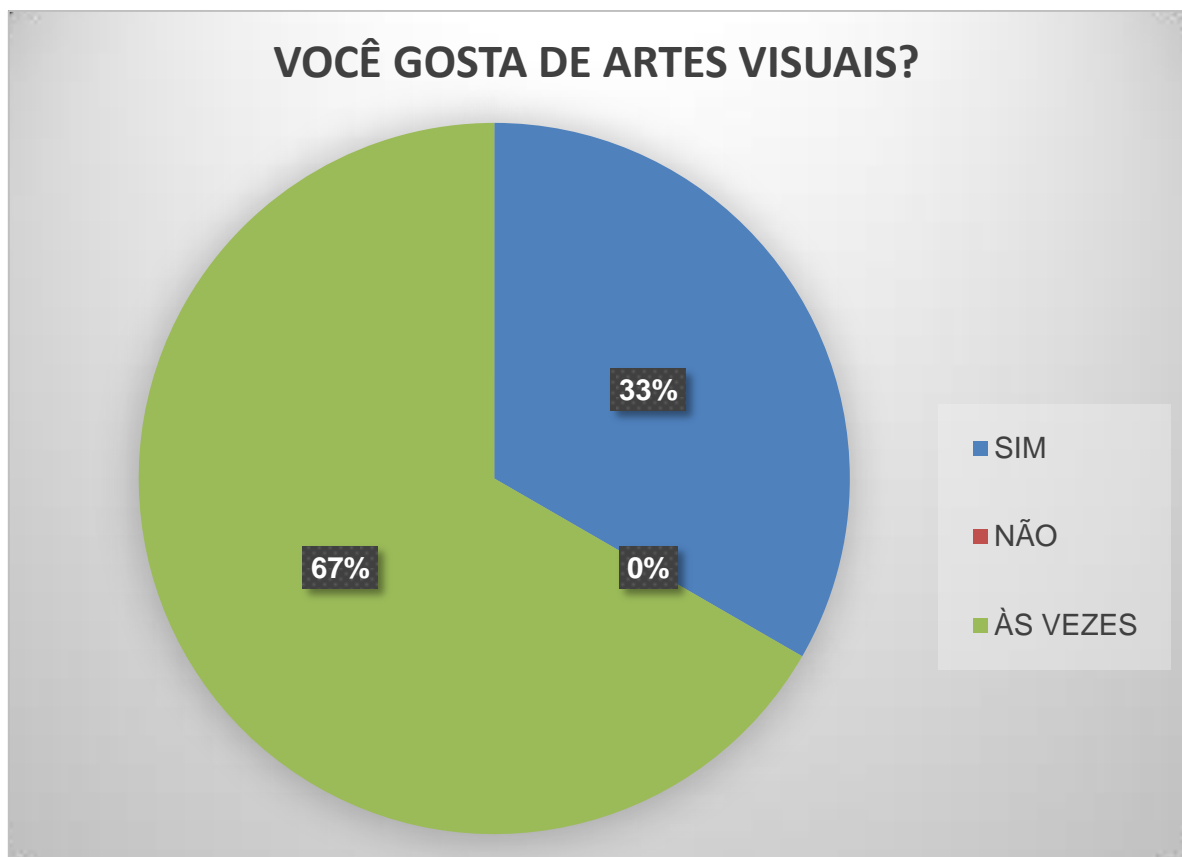


Gráfico I: (você gosta de artes visuais?)

Evidencia-se através do gráfico I, um quantitativo significativo de alunos que nem sempre, gostam da disciplina. Ficaram claro, esses aspectos no momento da pesquisa “*in loco*”, onde constatou-se o interesse da maioria dos alunos somente durante as atividades práticas.

Outra pergunta relevante proposta aos alunos, foi se eles utilizam o ensino de artes visuais em seu dia-a-dia, para perceber se o ensino – aprendizagem nesta turma abrange apenas o âmbito escolar ou envolve aspectos do convívio dos alunos.

IMAGEM 08

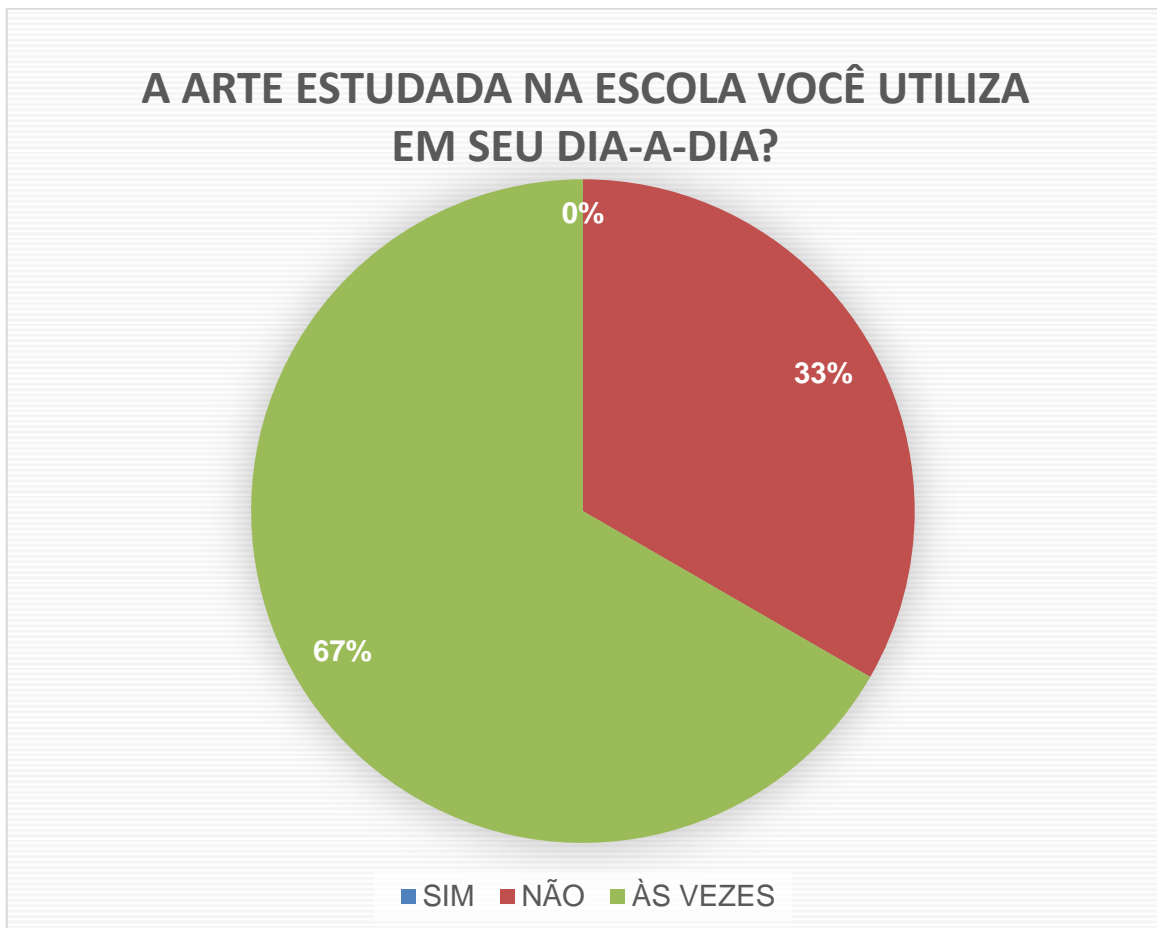


Gráfico II: (a arte estudada na escola você utiliza em seu dia-a-dia?)

Percebe-se através do gráfico II, que a maioria dos alunos não utiliza com frequência, o ensino de artes visuais em seu dia-a-dia. Constatou-se que falta um envolvimento metodológico entre a professora de artes e os alunos.

A respeito do artefato pipa, perguntou-se aos alunos tinham o hábito de empinar pipa, para verificar se os mesmos costumam interagir com o artefato, ajudando desse modo na evolução da oficina proposta em sala de aula.

IMAGEM 09

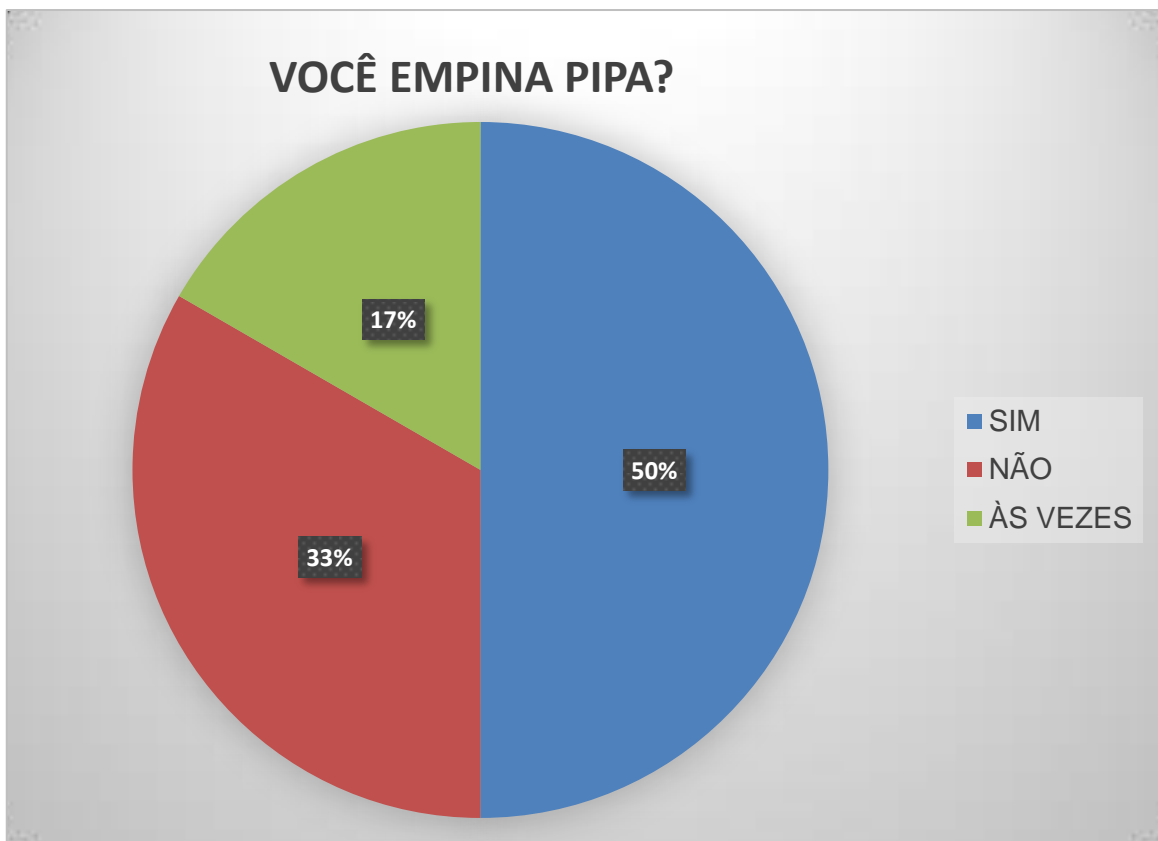


Gráfico III: (você empina pipa?)

Como percebido através do gráfico III, há um equilíbrio entre aqueles que empinam a pipa, e entre aqueles que empinam às vezes e os que não empinam. Entretanto quando apresentado o artefato em sala de aula, aos alunos, esses despertaram ainda mais, o interesse durante o processo, mostrando assim, a

importância do lúdico em sala de aula e abrangência do ensino de artes envolvendo artefatos variados.

Evoluindo nesse mesmo contexto (ensino de artes), perguntou-se aos alunos, de que forma eles utilizavam a pipa, para averiguar aspectos de interação entre eles e o artefato.

IMAGEM 10

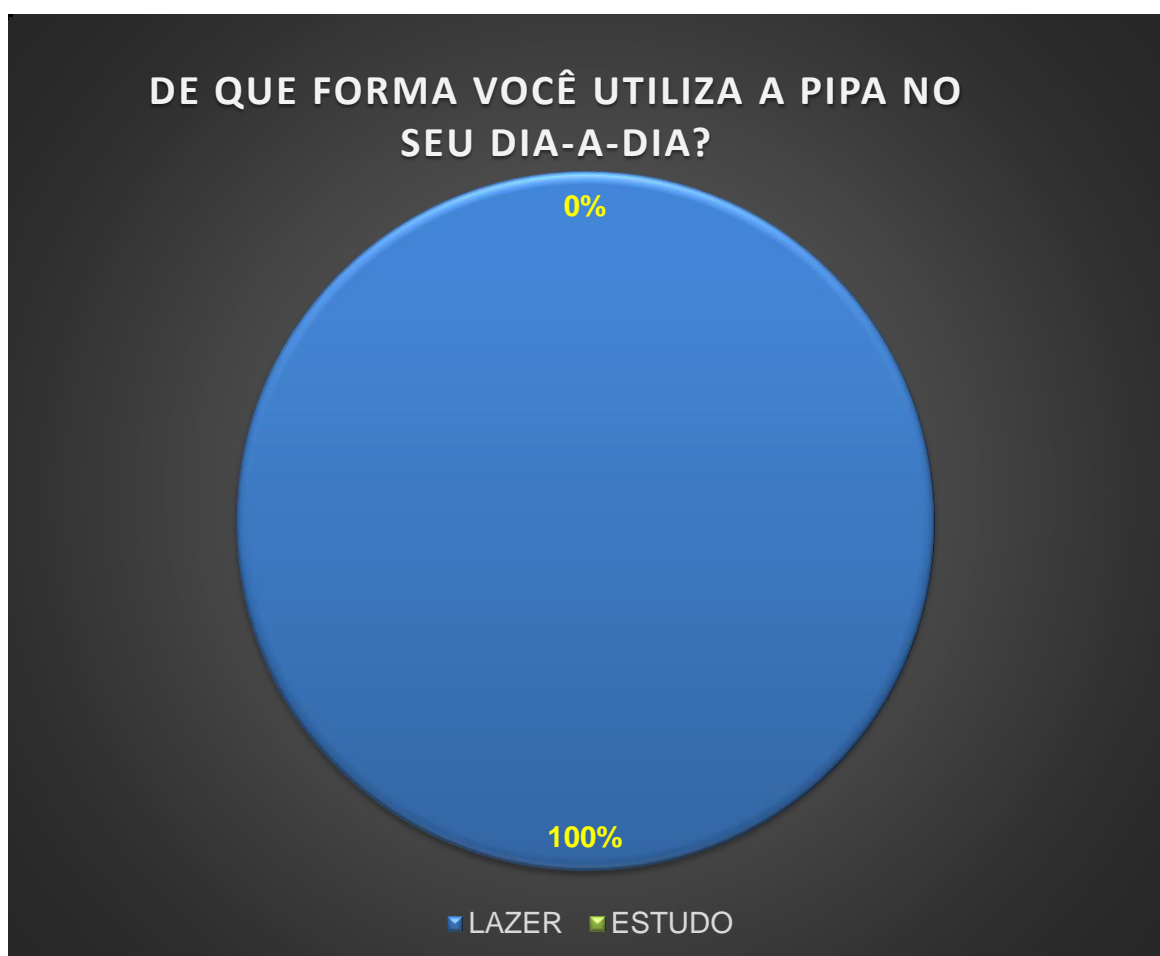


Gráfico IV: (De que forma você utiliza a pipa no seu dia-a-dia?)

Percebe-se no gráfico IV, que nenhum dos alunos havia utilizado a pipa como um artefato de estudo no ensino de artes visuais realmente.

5.3 RESULTADOS

De acordo com as análises propostas através do questionário, ficou claro, que para os alunos a pipa é apenas, um brinquedo entre tantos outros. Para eles o artefato pipa nasceu como processo de aprendizado naquele momento.

Inserir algo do cotidiano dos alunos em sala de aula despertou o interesse pelo ensino de artes. A oficina pipas lúdicas, proposta a eles, veio como aprendizagem agregadora em sala de aula.

Com isso, afirma-se a importância de novas estratégias, para o envolvimento dos alunos em relação ao ensino de artes visuais. A metodologia proposta neste trabalho evidencia que a pipa, pode ser inserida, como processo lúdico no desenvolvimento da aprendizagem dos alunos. Assim, pontua-se que os objetivos dessa pesquisa foram totalmente alcançados, ou seja, tornar a pipa, um artefato educador, interdisciplinar e integrador.

6 - PROPOSIÇÕES PARA O CONTEXTO EM ESTUDO

Propõem-se neste estudo, metodologias produtivas no ensino dos alunos, utilizando um artefato lúdico para seu desenvolvimento. Tornando um dispositivo ligado na interação entre conteúdo e atividades práticas inserindo o brinquedo nesse meio, onde conforme Dallabona³, o brinquedo é um objeto destinado a divertir a crianças e usado como suporte numa brincadeira.

Também, pontua-se a interdisciplinaridade no processo educativo, envolvendo outras disciplinas, que dialoguem com o ensino das artes visuais. Projetos interdisciplinares são importantes, como o projeto raízes, discutindo ao longo desse ensaio.

Tornar-se-á importante, a difusão entre a escola e cultura dos alunos, pois desse modo haverá um diálogo metodológico satisfatório entre alunos e professores. Discussões acerca da reestruturação curricular é preciso, envolvendo todo o corpo docente da escola. Dessa maneira, afirma-se que uma visão melhor do ensino poderá ser percebida e desenvolvida.

³ O Lúdico na Educação Infantil: jogar, brincar uma forma de educar. Artigo de Sandra Regina Dollabona. Instituto Catarinense de Pós-Graduação- ICPG.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como foco motivador o ambiente escolar, sendo que o método usado e o artefato principal desse trabalho foram às pipas como forma motivadora para uma nova abordagem inserida nesse meio, buscamos de forma lúdica e interdisciplinar na utilização do ensino das artes delineando os métodos mediante a cultura, pois, esse artefato é um brinquedo amplamente mundial, viabilizando todos os tipos diferentes de pipas seus nomes e significados meramente interligados com a própria história do homem e seu primeiro voo.

Pretendeu-se alcançar com essa pesquisa um estudo que envolvesse um artefato, do dia-a-dia dos alunos, ligado ao ensino de artes visuais. Propõem-se como um artefato de estudo ligado as artes visuais, pois ao falar de pipas amplia-se o olhar para outras disciplinas, por que não trabalhar com um brinquedo do cotidiano do aluno?

Nesse contexto usar-se-ia a interdisciplinaridade como forma integradora para buscar novos métodos para agregar esse artefato ao ensino, de maneira lúdica, pois, a grande maioria das possibilidades de mediar, o conhecimento dentro do ensino já está defasada e saturada. Ou seja, evidenciou-se que não há um empenho (pelo menos daquela docente, naquele momento) em criar estratégias que possibilite os alunos em seu processo de aprendizagem, a metodologia é quase sempre a mesma, criando com isso nos alunos um descaso pela disciplina de artes.

Por que não levar o aprender brincando, pois, esse método utilizado em sala de aula, com o artefato pipa, vem em busca de um novo fazer no meio social escolar. De que forma? Em uma forma necessária de revisão nas práticas sociais do ensino dentro da escola. Nas artes visuais vem construir uma ponte entre o ensino e o brincar, tornando as aulas, ligadas aos múltiplos saberes, não descartando os conhecimentos teóricos, mas totalizando os mesmos em um só. Algo que não pode ser constatado durante a pesquisa “in loco”, pois em muitos momentos havia uma discrepância entre o ensino e a teoria, que a docente tentava compartilhar.

Enfim, afirma-se com essa pesquisa a importância de novas estratégias metodológicas, no ensino e aprendizagem dos alunos, a responsabilidade que os

educadores de artes têm em propor à compreensão a interação dos alunos nos processos educacionais. Reinventar aulas prazerosas e produtivas, agregando novas experiências e aprendizados mútuos, interagindo com o lúdico em sala de aula, permitindo que os alunos se identifiquem dentro do processo de ensino, assim como fora percebido durante a oficina pipas lúdicas, onde houve interação total dos alunos, motivação e empenho em realizar as atividades. O lúdico dentro desse espaço escolar veio agregar um saber brincar satisfatório com o ensino de artes.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, P. A História Social da Criança e da Família. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara Koogan S.A, 1981.

BATISTA, S. et al. Educação Matemática no Ensino Fundamental. Anos iniciais e finais. UPF: 211.

BROUGÈRE, G. Brinquedo e Cultura. 5. Ed. São Carlos, Cortez, 2004.

CAPRA, F. A Teia da Vida. São Paulo: Cultrix, 1996.

CARLOS, J. M. Interdisciplinaridade no Ensino Médio Desafios e potencialidades. Brasília, 2006.

CONTRERAS, O. Apuntes para uma educación universitária del siglo XXI desde la perspectiva del pensamiento complejo. In: SANTOS R. Miguel A. GUILLAUMIN T. (Editores). Avances em complejidad Y educación: teoria y práctica. Barcelona (ES): Octaedro, 2006.

DALLABONA, S. R. O Lúdico na Educação Infantil: Jogar, Brincar uma Forma de Educar. In: Instituto Catarinense de Pós-Graduação.

DEMO, P. Educar pela Pesquisa. 8 ed. Campinas: Autores Associados, 2007.

FAZENDA, I. Práticas interdisciplinares na escola, coordenadora. 10 edição. São Paulo: Cortez, 2005

_____, I.C.A. (ORG) O Que é Interdisciplinaridade? Cortez, 2008.

FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia :Saberes necessários a pratica educativa. São Paulo: Paz e Terra,2009.

GOES, A. e LUZ, A. Uma Nova Visão Metodológica do Ensino de Desenho Técnico na Engenharia Civil. In: 14º Congresso Brasileiro de Engenheiros Civis. 2008.

HUIZINGA, J. Homo Ludens. São Paulo: Perspectiva, 1990.

<https://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>

- JAPIASSU, H. Interdisciplinaridade e Patologia do Saber. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- LIBÂNEO, J. Democratização da Escola Pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos. 21º Ed. Coleção Educar. 2006.
- MELO, M. Voando com a Pipa: esboço para uma psicologia social do brinquedo à luz das ideias de Bruno Latour. (Tese de doutorado) Rio de Janeiro: São João del Rei, 2006.
- MOREIRA, A. e SILVA, T. (ORG.) Currículo, cultura e sociedade. São Paulo: Cortez, 1994.
- MOREIRA, B. e CANDAU, V. (ORG) BEAUCHAMP, J. PAGEL, S. e Nascimento, R. Indagações sobre currículo: currículo, conhecimento e cultura. Brasília: Ministério da Educação, Secretária de Educação Básica, 2007.
- MORIM, E. A cabeça bem feita: repensar e reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- RIOS, J. A. Pipas, Papagaios e Pandorgas. Em: *Carta Mensal*, Rio de Janeiro, v. 49, n. 582, p. 3-27, set. 2003.
- SANTOS, S. O Lúdico na Formação do Educador. 5. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- SANTIN, S. Física da Alegria do Lúdico a O pressão do Rendimento. Porto Alegre: Est, 2001.
- SNEYDERS, G. Alunos Felizes. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- VOCÊ, S. Pipas: múltiplas e de duplo comando. São Paulo: Global, 2002.
- _____, Pipas Planas. São Paulo: Global, 2008.
- KISHIMOTO, T. M. Bruner e a Brincadeira. In: O Brincar e suas Teorias, KISHIMOTO, TIZUKO M. (ORG.) São Paulo, Pioneira Thomson Learning, 2002.
- _____, O Jogo e a Educação Infantil. Florianópolis, Perspectiva: UFSC/CED,
- _____, O Brinquedo na Educação: considerações históricas. São Paulo, USP.

ANEXOS

QUESTIONÁRIO DOS ALUNOS



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO E ENSINO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM ARTES VISUAIS

Prezado (a) entrevistado (a),

As questões abaixo se referem a uma pesquisa de campo para a composição do trabalho de conclusão de curso-TCC, do curso de GRADUAÇÃO em ARTES VISUAIS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ - UNIFAP, cujo objetivo é conhecer a concepção dos colaboradores da Escola Estadual Everaldo Vasconcelos, Abordar a importância em trabalhar a interdisciplinaridade na escola através de um artefato lúdico como a pipa, desenvolvendo na prática saberes já estudado em outras disciplinas. Desde já agradeço a colaboração e garanto o sigilo dos dados.

PERFIL DO ENTREVISTADO (A):
NOME:
SEXO: () MASCULINO () FEMININO
IDADE:
SÉRIE:
BAIRRO QUE VOCÊ MORA:

1-Você gosta de artes?

() sim () não () às vezes

2-Como são as aulas de Artes?

() boas () normais () cansativas () legais

3-A arte que é estudada na escola você utiliza no seu dia-dia?

() sim () não () às vezes

4 - você empina pipa?

() sim () não () às vezes

5 - Os professores trabalham o objeto pipa em sala de aula?

sim não às vezes

6 – Você entendeu o vídeo?

sim não

7- É possível apreender com as pipas?

sim não as vezes

8 – Dê que forma você utiliza a pipa no seu dia-a-dia?

lazer estudo

9 - marque X no local adequado para empinar pipa:

na escola.

na rua.

na praia.

no campo.

10 – Foi proveitosa a aula de artes sobre pipas? Escreva o que você entendeu sobre aula pratica?



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO E ENSINO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM ARTES VISUAIS

AUTORIZAÇÃO

Eu _____
_____, aceito livremente participar do estudo intitulado “**Projeto de Pesquisa com Questionário e Imagens sobre a Oficina Pipas de Conhecimento dos Colaboradores da Escola Estadual Everaldo da Silva Vasconcelos Junior, da Turma 6º ano B**” desenvolvido pelos pesquisadores Danilo Rodrigues, Ediane Raquel, Maria Elizete. Orientados pelos professores Dr. Alexandre Pereira da Disciplina de Estagio Supervisionado II e Humberto Mauro Andrade Cruz e Orientador.

Responsável do Aluno

Santana, de 2016.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ

PLANO DE AULA

Escola Estadual Everaldo Vasconcelos da Silva Junior

Professora: Katia Meireles Monteiro

Professoras Estagiárias: Ediane Raquel Pacheco E Silva

Maria Elizete Palmerin Dos Santos

Colaborador: Danilo Brasil Rodrigues

Disciplina: Artes

Série: 6^o ano

Turma: 6^o ano B

Período: Matutino

Data de Execução: 01/02/2016 a 15/02/2016

Tema: Objeto Lúdico Pipa

Aproveitar a temática lúdica da pipa ensinando os alunos sobre como um brinquedo simples do dia-a-dia poderia ser inserido em sala de aula. Aprofundando-se nas história da pipa, permitindo a interação dos mesmos com o objeto na o4 pratica, com a sua confecção em sala de aula.

I – OBJETIVOS:

✓ GERAL:

- Compreender a importância da pipa dentro da História das Artes com a cidadania e a ética construtora de identidade artística dos alunos.

✓ ESPECIFICO:

- Propiciar a contextualização e a ligação do tema ao cotidiano das crianças;
- Desenvolver a sensibilidade, a curiosidade e o gosto infantil pela arte;
- Promover atividades artísticas através de vídeo-aula.

II – CONTEUDOS:

A importância das pipas pode vim a desenvolver percepção do aluno na construção cultural na sociedade.

- ✓ Historia da pipa
- ✓ Confeção do Artefato Pipa em sala de aula
- ✓ Discursão em sala de aula com os alunos sobre a vivência com o artefato
- ✓ Questionário com os Professores e Alunos

III - DESENVOLVIMENTO DO TEMA:

- ✓ Esse tema será desenvolvido na sala da TV Escola com o exposição de vídeo aula de 45:00 minutos

IV – RECURSOS DIDATICOS:

- ✓ TV Escola e recursos áudio visuais

V – AVALIAÇÃO:

Aula expositiva e dialogadas, subjugando os procedimentos logo após avaliando os recursos, atividade sobre o assunto e extraclasse.

- ATIVIDADES:

- ✓ Pratica

- MATERIAIS:

- ✓ Papel de seda (varias cores)
- ✓ Tala buriti
- ✓ Linha branca
- ✓ Cola de isopor

- CRITERIOS ADOTADOS PARA CORREÇÃO DAS ATIVIDADES:

- ✓ Interesse pelo assunto estudado em sala de aula
- ✓ Criatividade na confecção

VI – BIBLIOGRAFIA:

FAZENDA, I. **Práticas interdisciplinares na escola, coordenadora.** 10 edição. São Paulo: Cortez, 2005

VOCÊ, S. **Pipas: múltiplas e de duplo comando.** São Paulo: Global, 2002.

_____, **Pipas Planas.** São Paulo: Global, 2008.

FOTOS DA VIDEO AULA





FOTOS DA AULA PRÁTICA – OFICINA PIPAS LÚDICAS







Entrevista com Pipeiro

A entrevista aconteceu no dia 27 de Março de 2016 às 15:00 hs o entrevistado foi o Pipeiro Izan Souza Silva mora na passagem Shalon nº 460 bairro área portuária município de Santana cursou o ensino médio na escola Almirante Barroso e fez curso de desenho livre na Escola de Artes cândido Portinari, onde a duração da grade antiga era de sete anos. Sua profissão é artista visual trabalha com diversos objetos de artes e mesmo artesanato inclusive a confecção de pipas de diversos tamanhos e cores variadas de acordo com a conversa surgiram um questionamento a respeito do objeto pipa. Você como Pipeiro qual é a relação de você com a pipa? Qual é a hora mais propicia para você empinar pipa?

PLANO DE ENSINO



Governo do Estado do Amapá
Secretaria de Estado da Educação
Escola Estadual Everaldo da Silva Vasconcelos Junior

ESCOLA ESTADUAL EVERALDO DA SILVA VASCONCELOS JUNIOR

PLANO DE ENSINO

DISCIPLINA

ARTE

MODALIDADES DE ENSINO

ENSINO FUNDAMENTAL II

MÉDIO REGULAR

DOCENTES

ANA CLAUDIA CARDOSO DE AZEVEDO

JACILENE MOURA

KÁTIA MEIRELES MONTEIRO DOS SANTOS

MIRLENE MACHADO FERREIRA

“... porque as mesmas mãos que cortavam a madeira, quebravam as pedras e forjavam o metal para erguer paredes, monumentos e cúpulas, também eram as mãos que esculpiam os contornos mais delicados e criavam as mais sutis combinações de cores.” (Agnes Mariano).



Governo do Estado do Amapá
Secretaria de Estado da Educação
Escola Estadual Everaldo da Silva Vasconcelos Junior

APRESENTAÇÃO

A Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional, de 1996, em seu parágrafo 2º do artigo 26 das disposições gerais sobre a educação básica, apresenta o ensino da Arte como “componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos” (BRASIL, 1996, p.10)¹. Derivou destas premissas a elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais, nos quais a “Arte se apresenta como área de conhecimento que requer espaço e constância, como todas as áreas do currículo escolar” (BRASIL, 1998, p. 63)², abrangendo, no ensino fundamental, as linguagens artísticas: Artes Visuais, Dança, Música e Teatro. A área do ensino de Arte, portanto, é composta por quatro subáreas distintas que colaboram para a formação integral dos educandos. A música, por sua vez, conquistou no ano de 2008 um lugar especial através da Lei nº 11.769, de 18 de agosto, que a coloca como disciplina obrigatória. Sabemos que a formação de professores ainda não atende à demanda de trabalho na área em todas as escolas das redes de ensino atuantes.

A arte pode se tornar importante e necessária para as pessoas? Certamente que sim, se esse processo for mediado/provocado por professores comprometidos com práticas transformadoras. Intenções pedagógicas claras e consistentes, aliadas à cumplicidade com alunos e alunas, tendem a gerar sólidas e enriquecedoras construções de conhecimento em artes, contribuindo para a multiplicidade de trocas e a qualidade das interações. Assim, o projeto educativo que defendemos busca facilitar a compreensão de que o mundo simbólico é parte de um todo e, como tal, tem a mesma importância de outros campos do conhecimento. O importante é que esta aprendizagem seja sistemática e faça parte do projeto pedagógico da escola como uma ação incorporada às demais ações educativas de sala de aula, não apenas como uma intervenção pontual, que pode ou não ocorrer.

A seguir serão apresentadas propostas de aprendizagem para as quatro linguagens artísticas mencionadas. Além de trabalhar as questões específicas de cada uma delas, há a intenção de desenvolver, em conjunto com todas as outras áreas e disciplinas, as competências básicas de **ler, escrever e resolver problemas**. Estas



Governo do Estado do Amapá
Secretaria de Estado da Educação
Escola Estadual Everaldo da Silva Vasconcelos Junior

competências, na área de arte, são experiências diretamente com a utilização da linguagem verbal, mas, sobretudo utilizando os códigos próprios de cada competência.

Em cada uma das linguagens artísticas estas competências lidam com um ou outro modo de "alfabetização", na aquisição e utilização de maneiras diversificadas de ler, escrever e resolver problemas. As propostas foram organizadas de forma a apresentar um crescente de dificuldades na leitura, escrita e solução de problemas. Em cada uma, as competências são explicitadas e desdobradas em proposições que visam seu desenvolvimento. A resolução de problemas é trabalhada na forma de propostas em que os alunos terão que lidar com desafios, lançando mão dos recursos e conteúdos necessários ao cumprimento de tarefas investigativas. Mas embora tenham uma sequência, as aulas poderão ocorrer do modo como o professor entender mais viável para sua realidade. Assim, um conteúdo de 8ª série poderá ser explorado na 7ª série se for oportuno pedagogicamente. O que aqui selecionamos como proposta de ensino é uma sugestão entre tantas que poderão ser executadas em sala de aula. É desejável que você, professor (a), possa criar outras ações pedagógicas a partir do seu contexto e expandir o que aqui apresentamos, com contribuições de colegas e alunos. Não temos a pretensão de ensiná-los a dar aula de Artes, mas sim de provocá-los a refletirem sobre suas práticas como professores e apontar algumas possibilidades. Este material é apenas uma das possibilidades da rede de conhecimentos sobre Arte e com a Arte que poderá ser tecida por todos: professores, alunos, pais e comunidade escolar. O importante é que a arte seja entendida como um componente socializador, cognitivo e humanizador que gera experiências e conhecimentos imprescindíveis para a vida em sociedade.



Governo do Estado do Amapá
Secretaria de Estado da Educação
Escola Estadual Everaldo da Silva Vasconcelos Junior

ARTE

“A arte não tem importância para o homem somente como instrumento para desenvolver sua criatividade, sua percepção, etc., mas tem importância em si mesmo, como assunto, como objeto de estudo. (Barbosa, 1975, pp. 90 e 113).”

1. Fundamentação teórica da disciplina

Desde o início da história da humanidade a arte sempre esteve presente em praticamente todas as formações culturais. Assim o ensino e a aprendizagem da arte fazem parte, de acordo com os valores estabelecidos, em cada ambiente cultural do conhecimento artístico em todos os tempos. A mudança radical que deslocou o foco de atenção da educação tradicional, centrado apenas na transmissão de conteúdos, para o processo de aprendizagem do aluno, também ocorreu no âmbito do ensino de arte.

As pesquisas desenvolvidas a partir do início do século em vários campos das ciências humanas trouxeram dados importantes sobre o desenvolvimento da criança. Tais princípios reconheciam a arte da criança como manifestação espontânea e auto expressiva: valorizavam a livre expressão e a sensibilização para orientação que visavam o desenvolvimento do potencial criador.

Os princípios revolucionários necessitaram de uma capacidade da expressão artística, que aos poucos foram sendo enquadrado com palavras de ordem como, por exemplo: **“O que importa é o processo criador da criança e não o produto que realiza”** e **“ Aprender a fazer, fazendo”**; estes e outros temas foram aplicados mecanicamente nas simplificações na idéia original, o que redundou, na banalização do “Deixar fazer - ou seja, deixar a criança fazer arte”, sem nenhum tipo de intervenção. Ao professor destinava-se um papel cada vez mais irrelevante e passivo. “A ele não cabia ensinar nada e a arte adulta deveria ser mantida fora dos muros da escola, pelo perigo da influência que poderia macular a genuína e espontânea expressão infantil”. O objetivo fundamental era o de facilitar o desenvolvimento criador da criança.

Na década de 60, os arte-educadores principalmente americanos, lançaram as bases para uma nova mudança de foco dentro do ensino de arte, questionando basicamente a idéia do desenvolvimento espontâneo da expressão artística da criança e procurando definir a contribuição específica da arte para a educação do ser humano. A



Governo do Estado do Amapá
Secretaria de Estado da Educação
Escola Estadual Everaldo da Silva Vasconcelos Junior

reflexão que consagrou uma nova tendência com objetivo específico era de precisar o fenômeno artístico como conteúdo curricular, que gerou um duplo movimento: **de um lado, a revisão crítica de livre expressão; do outro a investigação da natureza da arte como forma de conhecimento.**

No início da década de 70 autores responsáveis pela mudança de rumo do ensino de arte nos Estados Unidos, afirmavam que o desenvolvimento artístico é resultado de formas complexas de aprendizagem e não ocorre automaticamente à medida que o professor propiciava essa aprendizagem por meio da instrução. As tendências manifestaram-se no ensino de arte a partir de várias perguntas; estabelecendo um quadro de referências conceituais artísticas, gerando propostas pedagógicas, com conteúdos a serem ensinados no processo de aprendizagem dos alunos.

A formação dos professores de arte no Brasil tem uma história significativa. Nesta mesma época surge o Curso de Educação Artística que foi a primeira obrigatoriedade institucional de ensino de arte na escola brasileira. A Lei 5692/71 incluiu a atividade de Educação Artística no currículo escolar e só depois providenciou a criação das Licenciaturas curtas e plenas polivalentes¹ para suprir a necessidade implantada. A partir da década de 80 tivemos o fracasso desta licenciatura curta e polivalente onde houve um amplo debate entre os professores, nos encontros e associações na busca de reformularem o currículo, (Rejane G. Coutinho; Ed 2003). Com o advento da LDB 9394/96 tivemos outra surpresa à ameaça da retirada do ensino de Arte do Núcleo Comum, mas com muita articulação dos movimentos de todas as linguagens de arte conseguimos que a arte tivesse seu lugar de destaque no currículo da Educação Básica.

2. Histórico do ensino da disciplina

Na história do ensino de Arte no Brasil podem-se observar diferentes orientações de sua finalidade, que vinha desde a formação e atuação dos professores até as políticas educacionais com enfoques filosóficos, pedagógicos e estéticos. Era importante identificar um espaço na área do currículo escolar, onde as tendências pedagógicas predominavam nas práticas artísticas e por fim conhecer melhor cada situação, pelo qual o ensino de arte passou.

¹ - Que executa diferentes tarefas; versátil



Governo do Estado do Amapá
Secretaria de Estado da Educação
Escola Estadual Everaldo da Silva Vasconcelos Junior

No século XIX por volta do ano de 1854, foi inserido na educação pública brasileira música através de um decreto federal, que abrangia noções de música e exercício de canto. O ensino de arte é incorporado ao processo pedagógico e de políticas educacionais na primeira década do século XX. **O ensino de arte é identificado pela visão humanista e cientificista** que demarcou as tendências pedagógicas da escola tradicional. Essas tendências se contraponham em proposições, métodos e entendimentos do papel do professor e do aluno, essas preposições foram tão marcantes que permanecem mescladas na prática dos professores de arte.

As disciplinas de Desenho, Trabalhos Manuais, Música e Canto Orfeônico² faziam parte do programas das escolas primárias e secundárias, concentrando o conhecimento padrão e modelos das classes sociais dominantes.

Na escola tradicional, valorizavam-se as habilidades manuais “dons artísticos”, com isso era observando uma visão utilitarista e imediatista da arte. O professor(a) selecionava trabalhos com modelos convencionais de livros e de manuais. A arte era voltada para o domínio técnico. A figura do professor era transmitir aos alunos, os códigos estéticos, que tinham em comum a reprodução de modelos.

Na disciplina desenho geométrico predominava a reprodução naturalista, ou seja, figurativa da forma, onde se consideravam as habilidades técnicas. O teatro e a dança não estavam incluídos no currículo escolar como prática pedagógica, sendo apenas reconhecidos nas atividades escolares.

O canto Orfeônico da década de 30 teve à frente, na defesa, o compositor Villa-Lobos, que levava o projeto de linguagem musical de maneira sistemática em todo o país; difundia ideias da coletividade e civismo do momento político do então Estado Novo, este canto durou 30 anos no Brasil e foi substituído pela educação musical, criada pela Lei de Diretrizes e Base da educação brasileira de 1961.

Entre os anos 20 e 70 muitas escolas viveram outras experiências no ensino e aprendizagem de arte, sustentadas pela estética modernista, com base nas tendências pedagógicas e psicológicas, com influências nos estudos de psicologia cognitiva, psicanálise, Gestalt bem como o movimento filosófico que embasaram os princípios da Nova Escola. O ensino de arte se volta para o aluno respeitando suas necessidades e aspirações, valorizando as formas de expressão e de compreensão do mundo, desenvolvendo o processo de criação do aluno.

² - Coro sem acompanhamento instrumental – Coro escolar;



Governo do Estado do Amapá
Secretaria de Estado da Educação
Escola Estadual Everaldo da Silva Vasconcelos Junior

Os (as) professores(as) estudavam as novas teorias divulgadas no Brasil e no exterior e rompiam com a mimese³ da escola tradicional, com isso houve mudanças nas práticas pedagógicas dos mesmos que procuraram cursos de capacitação profissional, procurando novos livros, métodos e concepções filosóficas de educação em arte. Neste período a arte é trabalhada fora da escola, dando oportunidade do surgimento dos conservatórios de música, escolas de teatro, escolas de música e Escolinhas de arte com crescimento cultural do anúncio da modernidade e Vanguarda.

As artes plásticas cresceram com as novas expressões e vanguardas e surgem os Museus de arte moderna, o teatro brasileiro consolidando o teatro de arena e as oficinas. Surge a criação do movimento popular de cultura atuando do nordeste ao sul do país, junto com os sindicatos, centros estudantis e grupos populares ligados às teorias pedagógicas. Surgem nomes da música como Pixinguinha e Noel Rosa, que movimentam o intercâmbio internacional de música, ritmos, sonoridades, técnicas, composições etc.

A arte sai dos espaços escolares e animam os grandes festivais da canção e novas experiências teatrais que mobiliza os estudantes.

2.1. Ensino de Arte nos Currículos

Como trabalhar a arte como conhecimento pedagógico da imagem, do som, do movimento, da percepção estética, como fonte de conhecimento se na década de 60 existiam pouquíssimos professores com formação? E qualquer professor(a) de outras disciplinas ou das escolas de belas artes, de escolas de artes dramáticas e ou conservatórios podiam assumir as disciplinas de desenho, desenho geométrico, arte plásticas, músicas e arte Dramática?

É aí que a LDB de 1971 inclui a arte no currículo com o nome de Educação Artística considerando como atividade educativa e não disciplina ficando indefinida o conhecimento. No entanto esse entendimento foi contraditório e Paradoxal. Muitos professores não estavam habilitados e não dominavam as várias linguagens que eram Artes plásticas, Educação Musical, Artes Cênicas.

Nesta seção, são levantadas as principais propostas e reivindicações dos professores de Arte, conforme formulado nas suas várias instâncias de representação profissional, como, por exemplo, a Federação dos Arte Educadores do Brasil (FAEB), a Associação Brasileira de Educação Musical (Abem) e a Associação Brasileira de Artes

³ - Figura em que o orador imita a voz ou os gestos de outrem;



Cênicas (Abrace). Nessa pauta, destaca-se a superação da polivalência, frisando-se a importância da formação em nível superior de professores especialistas em cada uma das linguagens artísticas e sua atuação nas escolas de nível fundamental e médio de acordo com sua qualificação. (Orientações Curriculares p/ o ensino Médio- Linguagens, Códigos e suas Tecnologias/Artes; ano 2006/MEC).

Ressalta-se, ainda, a importância da implementação de uma política de avaliação contínua e propositiva desses documentos nas instâncias federal, estadual e municipal, visando, não só a diagnosticar a estrita implantação das propostas, mas, principalmente, identificar as alternativas e mesmo as divergências que por ventura tenham escapado às suas formulações curriculares, revelando possibilidades extrapolam seus limites. É fundamental a definição de uma política de formação de professores de Arte em várias instâncias: graduação, pós-graduação, formação continuada, bem como o acesso a materiais, equipamentos, informática e apoio à participação em eventos da área.

Por fim, entende-se que essas propostas e suas avaliações dependem de um processo contínuo de experimentação e pesquisa. Apresenta-se, assim, uma bibliografia que indica fontes para professores e pesquisadores, relativa às formulações gerais sobre arte, educação, ensino de Arte e especificamente sobre o trabalho metodológico com as linguagens, sem pretender exaurir esse repertório, felizmente em expansão graças aos crescentes resultados dos programas de pós-graduação nas diversas áreas do conhecimento.

Com a LDB promulgada, em 20 de novembro de 1996 convicto da importância dela para os alunos do ensino básico, professores encamparam protestos e manifestações em todo o Brasil, contrário a decisão da retirada da obrigatoriedade no ensino de arte da Lei 9394/96. Foram muitas reuniões com o MEC para a afirmação da importância do ensino de arte no currículo brasileiro. O movimento nacional (FAEB) conseguiu que fosse revogada as disposições anteriores e a arte foi considerada obrigatória na Educação Básica. Com o seguinte texto: **“Art. 25 § 2º O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos.”**

Nas Artes Visuais, dentre várias propostas formuladas a partir das condições estéticas da pós-modernidade, temos os Critical Studies (Estudos Críticos) na Inglaterra, e nos Estados Unidos, o (DBAE) Discipline Based in Art Education, ou seja, Arte-Educação Baseada em Disciplina. Esse método, formulado por professores



Governo do Estado do Amapá
Secretaria de Estado da Educação
Escola Estadual Everaldo da Silva Vasconcelos Junior

pesquisadores norte-americanos, divide o ensino de Artes Visuais em disciplinas voltadas para o desenvolvimento das competências estética, artística, histórica e de crítica sobre arte. Além da segmentação disciplinar, outra crítica corrente a respeito dessa metodologia é sua ênfase na arte ocidental erudita.

No Brasil, ao contrário dessa divisão disciplinar, a Abordagem Triangular, de Ana Mae Barbosa (1991), propõe o ensino baseado em ações continuamente interligadas. Essa proposta começou a ser sistematizada em 1983 e foi pesquisada entre 1987 e 1993 no Museu de Arte Contemporânea (MAC), da USP, e na Secretaria Municipal de Educação de São Paulo.

A Aprendizagem Triangular está presente em documentos anteriores aos PCN, passando a orientar o vocabulário e as ações dos professores de Arte do país. No entanto, a própria autora ressalta que nos PCN “[...] a nomenclatura dos componentes da Aprendizagem Triangular designados como Fazer Arte (ou produção), Leitura da Obra de Arte e Contextualização foram trocados para Produção, Apreciação e Reflexão (da 1ª à 4ª série) ou Produção, Apreciação e Contextualização (da 5ª à 8ª série) (C.A.Barbosa, 2003) gerando uma série de “normas” de execução, o que reduz a intenção da proposta.”

O que se observa é que os eixos da abordagem são muitas vezes reduzidos a atividades estanques e estereotipadas – caso especial da atividade de releitura das obras de arte, muitas vezes tratada como a simples realização de cópias das obras originais. Embora voltada para as Artes Visuais, a Abordagem Triangular tem influenciado outras áreas do ensino de Arte.

Em 2003 a LDB Lei 9394/96 sofre outra alteração com a criação da Lei 10.639/03 que inclui nas disciplina de Historia, arte e literatura a Historia da África e da Cultura Afro brasileira, com conteúdos nas disciplinas citadas acima; Esta Lei tem o Parecer CNE/CP 003/2004 e a resolução CNE/CP 01/2004 que são instrumentos legais que orientam claramente as instituições educacionais quanto a suas atribuições. Em 2008 ouve outra alteração na Lei 9394/96 com o Parecer do CNE/CP nº 01/04 instituindo a Lei 11.645/08 que incluir conteúdos da Historia e cultura Indígenas no ensino básico também nas disciplinas de Literatura, Historia e arte do ensino Fundamental e Médio. De acordo com as diretrizes do Plano Nacional das relações étnicos raciais do MEC/09 os Estados terão que promover formações, a seus quadros funcionais do sistema educacional, de forma sistemática e regular e orientar as equipes gestoras e técnicos da secretaria para implementação e implantação das Leis.



Governo do Estado do Amapá
Secretaria de Estado da Educação
Escola Estadual Everaldo da Silva Vasconcelos Junior

Na década de 1990, diante da falta de clareza sobre o espaço curricular definido para a Arte na formulação da nova LDB, intensificam-se a organização política dos professores e as discussões sobre as delimitações conceituais e metodológicas do ensino na área. Defendendo a posição de que arte tem conteúdo, história. “O ideário sobre o Ensino da Arte contempla as diferenças de raça, etnia, religião, classe social, gênero, opções sexuais e um olhar mais sistemático sobre outras culturas”. Várias gramáticas e múltiplos sistemas de interpretação que devem ser ensinados”(BARBOSA, 2003), os arte-educadores, em um intenso esforço de mobilização, garantem não apenas a inserção da obrigatoriedade de oferta da disciplina, mas também a superação da polivalência. A nova legislação prevê, tanto na educação básica como na formação do professor, o ensino das linguagens – artes visuais, música, dança e teatro, que devem ser ensinadas individualmente de acordo com a formação de cada professor. O mesmo precisa de tempo para pesquisar, interagir com os espaços culturais, museus, bibliotecas e estar conectado com redes de informação buscando o conhecimento junto com seus alunos, “é importante salientar que a nomenclatura Artes Visuais, consta no documento da proposta de Diretrizes Curriculares do SESu/MEC compreendendo as artes plásticas: desenho, fotografia, vídeo, cinema além da pintura, escultura gravura, arquitetura, cerâmica, cestaria, entalhe e o avanço tecnológico e transformações estéticas do século a arte em computador (1998,p.63)”

2.2. Contexto histórico do Exame Nacional do Ensino Médio

Um dos aspectos mais destacados pela literatura educacional atual diz respeito aos requisitos de escolaridade derivados da revolução tecnológica, que estaria a exigir uma população com pelo menos, educação básica completa. Nesse contexto, o ensino médio, incluindo o ensino técnico, ganha destaque nas reformas educacionais. No caso brasileiro, o ensino médio encontra-se ao mesmo tempo limitado pelo desempenho do ensino fundamental e pressionado pelos requisitos para o ingresso no ensino superior. Além dessas dificuldades, o ensino médio defronta com duas expectativas: de um lado, deve completar a educação básica, preparando os jovens para a continuidade dos estudos em nível superior; de outro, deve preparar esses jovens para o ingresso no mundo do trabalho. Nesse contexto, o MEC destaca como justificativa principal para a reforma do ensino médio a necessidade de construção de um sistema educacional flexível, que evite exigir dos jovens opções precoces de profissionalização, mantendo



Governo do Estado do Amapá
Secretaria de Estado da Educação
Escola Estadual Everaldo da Silva Vasconcelos Junior

para os trabalhadores adultos portas abertas para o prosseguimento da educação ao longo da vida. São esses os princípios básicos que orientam as reformas curriculares e organizacionais do ensino médio. Afora a reforma do ensino técnico, entre as atuais políticas dirigidas ao ensino médio destacam-se: os marcos legais estabelecidos pela nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), lei nº 9.394 de 20/12/96, a reorganização curricular introduzida pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (DCNEM — 1998) e, mais recentemente, pelos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (PCNEM — 1999). Pela nova LDB, o ensino médio passa a ser concebido como etapa final da educação básica (art. 35), a ser efetivado mediante o dever do Estado de garantir a progressiva obrigatoriedade e gratuidade desse nível de educação (inciso II do art. 40), com a finalidade de consolidar e aprofundar no educando os conhecimentos adquiridos no ensino fundamental e de fornecer-lhe preparação básica para o trabalho e a cidadania (art. 35). Essas regulamentações introduzem alterações que precisam ser comentadas. Por um lado, a concepção do ensino médio como etapa final da educação básica avança positivamente na direção de um sistema nacional de educação estabelecido sobre diretrizes e bases comuns, numa perspectiva abrangente e universalizada. A idéia de progressiva obrigatoriedade e gratuidade, assim como a de formação básica para a cidadania e o trabalho, articula-se com essa direção na medida em que propõe uma formação geral comum, cuja consistência envolve uma escolaridade mais prolongada. É importante mencionar, entretanto, que a dupla obrigatoriedade (do Estado e do educando) de escolaridade de nível médio, consagrada originariamente na Constituição de 1988, foi alterada pela Emenda Constitucional nº 14/96, mediante o entendimento de que o ensino médio deixa de ser obrigatório para as pessoas, enquanto é dever do Estado oferecê-lo para todos aqueles que o desejarem.

Do ponto de vista curricular, a LDB propõe uma educação comum de base científico-tecnológica e humanista, não havendo prevalência da dimensão científico-tecnológica sobre a humanista. Um novo conceito de ensino médio deverá ser fundamentado na estética da sensibilidade (dando lugar à criatividade, ao espírito inventivo, à curiosidade pelo inusitado e à afetividade), na política de igualdade e na ética da identidade. Os PCNEM, na linha das diretrizes curriculares, afirmam buscar se contrapor ao ensino descontextualizado, compartimentado e baseado no acúmulo de informações, propondo um conhecimento escolar significativo, contextualizado e interdisciplinar.



educacional, as atenções do MEC concentraram-se inicialmente no ensino fundamental, só se voltando para as questões do ensino médio mais recentemente.

Nessa perspectiva, os PCNEM incorporam, como diretrizes gerais e orientadoras da proposta curricular, as quatro premissas da Unesco para a educação na sociedade contemporânea: aprender a conhecer, na perspectiva da educação geral e da educação permanente; aprender a fazer, entendida como aplicação prática da teoria; aprender a viver, no sentido do reconhecimento da interdependência humana, e aprender a ser, como compromisso com o desenvolvimento integral da pessoa, o que supõe autonomia intelectual e capacidade crítica. Os PCNEM mantêm a organização curricular em três áreas, como previsto nas DCNEM, e em todas elas é proposto ou um tratamento interdisciplinar e contextualizado do conhecimento, ou o desenvolvimento de competências e habilidades, ou ainda a apropriação das tecnologias produzidas ou utilizadas pelos conhecimentos da área. Na área de "Linguagem, Códigos e suas Tecnologias", a prioridade é dada à língua portuguesa, embora destaque também a importância do domínio de línguas estrangeiras e estejam presentes a informática e as artes. Incluem-se também as atividades físicas e desportivas como formas de comunicação e expressão (CEB/CNE, 1998, p. 21).

Finalmente, deve ser destacado que com a implementação de medidas de políticas educacionais para o ensino médio tem sido feita de modo tal que os instrumentos normativos mais específicos reorientam os mais gerais, característica já observada por Cunha (1997) em sua análise da reforma do ensino superior. No caso do ensino médio, o exemplo mais gritante desse tipo de reorientação refere-se à ênfase da matriz de competências do ENEM em habilidades relacionadas com a área de ciências, a despeito dos textos da LDB e das DCEM equacionarem de forma balanceada o papel das linguagens das ciências e das humanidades no ensino médio.

3 – Objetivos da disciplina

→ Desenvolver a capacidade expressiva e comunicativa da arte em sua dimensão não-verbal, considerando a posição do sujeito em sua subjetividade através das suas produções artísticas, mantendo uma interação com materiais, instrumentos e procedimentos diversificados, assim como uma busca de autoconhecimento e



Governo do Estado do Amapá
Secretaria de Estado da Educação
Escola Estadual Everaldo da Silva Vasconcelos Junior

autoconfiança, através do experimentar, sentir, imaginar, refletir e investigar elementos estéticos, compreendendo a arte como um processo pessoal e cultural;

→ Promover o discernimento no educando de sua realidade histórico-cultural e possibilitando desdobramentos transformadores ou metafóricos pelo uso da criatividade, sensibilidade e senso de solidariedade em propostas artísticas de intervenção, materialidade e reinterpretação das realidades vivenciadas;

→ Desenvolver a compreensão do ensino de arte como meio que permite que o ser humano crie e desenvolva significados simbólicos particulares na relação direta com suas vivências, na dimensão das realidades concreta, virtual e lúdica; (FUNDAMENTAL)

→ Compreender a cidadania como participação social e política, adotando atitudes de respeito mútuo e alteridade diante da diversidade multicultural, desenvolvendo assim conhecimentos para um crescimento integral das múltiplas dimensões humanas e garantir seu papel na sociedade;

→ Estudar a arte como elemento primordial para a compreensão do homem e sociedade do seu tempo. Abordando as diversas temáticas que envolvem a estética, o estilo, a produção e a análise das artes plásticas no campo da: pintura, escultura e arquitetura.

→ Desenvolver sua expressão artística e cognitiva-estética nas artes visual sabendo comunicar-se através de busca pessoal ou coletiva articulando a percepção, imaginação, emoção, sensibilidade e a reflexão ao realizar e fluir produções artísticas, levando em consideração a diversidade étnico-racial no contexto internacional, nacional e regional.

→ Propiciar embasamento teórico e reflexivo sobre arte pré-histórica, contemporânea e a cultura visual, numa perspectiva interdisciplinar, oportunizando ao educando uma visão ampla do fenômeno da arte, seu desdobramento e sua importância enquanto forma de conhecimento e experiência humana.

→ Desenvolver as competências estéticas e artísticas do educando nas artes plásticas, tanto na produção de trabalhos pessoais, quanto no grupal, apreciando, desfrutando e valorizando os bens artísticos de distintos povos e culturas produzidas ao longo da história.

→ Expressar e comunicar-se em arte mantendo atitudes de busca pessoal e coletiva, articulando a percepção, a imaginação, a emoção, sensibilidade no desenvolvimento psicomotor e refletir sobre as fruições e produções artísticas.



Governo do Estado do Amapá
Secretaria de Estado da Educação
Escola Estadual Everaldo da Silva Vasconcelos Junior

4 – Conhecimentos de Arte no Ensino Fundamental II e Médio

4.1 – Ensino Fundamental II

4.1.1 – Sentidos para ensinar Arte

Arte é a oportunidade de uma pessoa explorar, construir e aumentar seu conhecimento, desenvolver suas habilidades, articular e realizar trabalhos estéticos e explorar seus sentimentos.

O ensino de Arte deve possibilitar a todos os alunos a construção de conhecimentos que interajam com sua emoção, através do pensar, do apreciar e do fazer arte.

Produzindo trabalhos artísticos e conhecendo a produção de outras pessoas e de outras culturas, o aluno poderá compreender a diversidade de valores que orientem tanto o seu próprio modo de pensar e agir quanto o da sociedade. É importante que os alunos compreendam o sentido do fazer artístico, ou sejam, entendam que suas experiências de desenhar, pintar, cantar, executar instrumentos musicais, dançar, apreciar, filmar, videografar, dramatizar, etc. são vivências essenciais para a produção do conhecimento em arte. Ao conhecer e fazer arte, o aluno percorre trajetórias de aprendizagem que propiciam conhecimentos específicos sobre sua relação com a própria arte, consigo mesmo e com o mundo. Ensinar Arte significa, portanto, possibilitar experiências e vivências significativas em apresentação, reflexão e elaboração artística.

Entendendo o ensino de Arte como agente transformador e formador de cidadão, estão elencados objetivos, em que estão contempladas a memória do patrimônio cultural, novas e possíveis leituras do mundo por meio de sons, imagens e movimentos e o entendimento da sociedade por meio de atividades práticas de pesquisa, criação e fruição em arte. Estabelece-se a contextualização desses objetivos, conteúdos e estratégias, respeitando as ações individuais e coletivas em diferentes comunidades, resguardando sempre seus valores culturais e patrimoniais. Nesse sentido, é necessário que o ensino de arte esteja presente durante toda a vida escolar do aluno, em todas as séries.



Governo do Estado do Amapá
Secretaria de Estado da Educação
Escola Estadual Everaldo da Silva Vasconcelos Junior

4.1.2 - Objetivos

No Ensino Fundamental, de acordo com os PCN, o ensino de Arte deve organizar-se de modo que os alunos sejam capazes de:

- Experimentar e explorar as possibilidades de cada expressão artística;
- Compreender e utilizar a arte como expressão, mantendo uma atitude de busca pessoal e/ou coletiva, articulando a percepção, a imaginação, a emoção, a investigação, a sensibilidade e a reflexão ao realizar e fruir produções artísticas;
- Experimentar e conhece materiais, instrumentos e procedimentos artísticos diversos em arte (artes visuais, musica, dança e teatro), de modo que os utilize nos trabalhos pessoais, identifique-os e interprete-os na apreciação e contextualize-os culturalmente;
- Construir uma relação de autoconfiança com a produção artística pessoal e conhecimento estético, respeitando a própria produção e a dos colegas, sabendo receber e elabora críticas;
- Identificar, relacionar e compreender arte como fato histórico contextualizado nas diversas culturas, conhecendo, respeitando e podendo respeitar as produções presentes no entorno, assim como as demais do patrimônio cultural e do universo natural, identificando a existência de diferenças nos padrões artísticos e estéticos de diferentes grupos culturais;

Assim sendo, no segundo segmento do Ensino Fundamental, os alunos poderão dominar com mais propriedade a expressão artística, realizando seus trabalhos com mais autonomia e reconhecendo com mais clareza que existe contextualização histórico-social e marca pessoal nos trabalhos artísticos. As experiências de aprendizagem devem relacionar os conhecimentos já construídos com as proposições estéticas pessoais e/ou coletivas. De acordo com os PCN's,

Essa marca ou estilo próprio agora com intenção, aliados ao prazer em explicitar seus argumentos e proposições poéticas, surgem agora como ingredientes fortes e conscientes e fazem parte dos valores da cultura dos jovens.

No primeiro e segundo ciclos o aluno podia tornar-se consciente da existência de uma produção social concreta e observar que essa produção tem história. Agora, o aluno estabelece conexões com mais clareza entre os trabalhos escolares e a cultura



Governo do Estado do Amapá
Secretaria de Estado da Educação
Escola Estadual Everaldo da Silva Vasconcelos Junior

Ao mesmo tempo, os assuntos e atividades de aprender arte, proposto no Ensino Médio, precisam ser cuidadosamente escolhidos, no sentido de possibilitar aos jovens o exercício de colaboração artística e estética com outras pessoas as quais convivem, com a sua cultura e com o patrimônio artístico da humanidade.

O intuito do processo de ensino e aprendizagem de Arte é, assim, o de capacitar os estudantes a humanizarem-se melhor como cidadãos inteligentes, sensíveis, estéticos, reflexivos, criativos e responsáveis, no coletivo, por melhores qualidades culturais na vida dos grupos e das cidades, com ética e respeito pela diversidade. Neste âmbito, dentre as competências gerais em Arte no Ensino Médio propõe-se que os alunos aprendam, de modo sensível-cognitivo e predominantemente, as competências arroladas neste texto: **realizar produções artísticas e compreendê-las; apreciar produtos de arte e compreendê-los; analisar manifestações artísticas, conhecendo-as e compreendendo-as em sua diversidade histórico-cultural.**

O ensino de Arte no Ensino Médio deve contribuir para o fortalecimento da experiência sensível e inventiva dos estudantes, e para o exercício da cidadania e da ética construtora de identidades artísticas. Esse fortalecimento se faz dando continuidade aos conhecimentos de arte desenvolvidos na educação infantil e fundamental em artes visuais, dança, música e teatro, ampliando saberes para outras manifestações, como as artes audiovisuais (PCNEM). No Ensino Fundamental, a base de formação em arte deve ter sido sólida o suficiente para que, no Ensino Médio, os alunos tenham possibilidade de saberem e participarem de outras manifestações artísticas como, por exemplo, cinema de animação, vídeo-arte, multimídia artística, dentre outras, das artes audiovisuais e informática.

5 – Plano de Curso de Arte da Escola Everaldo Vasconcelos

5.1 – Justificativa da disciplina

A educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética, que caracterizam um modo próprio de ordenar e dar sentido a experiência humana: percepção e imaginação, tanto ao realizar formas artísticas quanto na ação de apreciar e conhecer as formas por ele e pelos colegas, pela natureza e nas diferentes culturas.



Governo do Estado do Amapá
Secretaria de Estado da Educação
Escola Estadual Everaldo da Silva Vasconcelos Junior

Conhecendo a arte de outras culturas, o aluno poderá compreender a realidade dos valores que estão enraizados nos seus modos de pensar e agir, que pode criar um campo de sentido para a valorização do que lhe é próprio e favorecer abertura a riqueza e a diversidade da imaginação humana. Além disso, torna-se capaz de perceber sua realidade cotidiana mais vivente, reconhecendo objetos e formas que estão a sua volta, no exercício de uma observação crítica do que existe na sua cultura, podendo criar condições para uma qualidade de vida melhor.

A arte está presente na sociedade em profissões que são exercidas nos mais diferentes ramos de atividades, o conhecimento em arte é necessário no mundo do trabalho e faz parte do desenvolvimento profissional dos cidadãos. O ser humano que não conhece arte tem uma experiência de aprendizagem limitada, escapa-lhe a dimensão do sonho, da força comunicativa dos objetos, das cores e forma, dos gestos e luzes que buscam o sentido da vida.

Portanto, o estudo da arte ajuda na compreensão do mundo e busca através das diferentes formas de manifestações artísticas o desenvolvimento da consciência crítica para a valorização da arte. Por meio desses conhecimentos os alunos podem se perceber como parte do meio e do todo e enfim, esse conhecimento possa lhe fazer sentido.

Os objetos de conhecimento associados às Matrizes de Referência do ENEM e suas competências e habilidades das Linguagens, Códigos e suas Tecnologias serão aplicadas ao Ensino Médio com intuito de aprimoramento e integração com todas as disciplinas aplicadas exame.

As competências: Ler, Escrever e Resolver Problemas serão aplicadas em todos eixos temáticos do currículo do Ensino Fundamental II, como proposta pedagógica a reforçar e incentivar nos alunos a leitura, a escrita, o desenvolvimento cognitivo, psicológico, crítico, cultural, perceptivo, criativo, sensorial, lógicos, etc.

5.2 – Objetivo Geral

→ Promover o desenvolvimento do senso crítico através do conhecimento e da importância das atividades artísticas que envolvam: leitura, releitura de obras, escrita, desenho, pintura, teatro, música e dança e materiais expressivos que sirvam para exteriorizar e valorizar a cultura e experiências do cotidiano.



Governo do Estado do Amapá
Secretaria de Estado da Educação
Escola Estadual Everaldo da Silva Vasconcelos Junior

5.3 – Objetivos Específicos

- Conhecer e realizar produções artísticas, individuais e/ou coletivas, nas linguagens da arte (música, artes visuais, dança, teatro e artes audiovisuais);
- Apreciar de arte, em suas várias linguagens, desenvolvendo tanto a fruição quanto a análise estética;
- Analisar, refletir e compreender os diferentes processos da Arte, com seus diferentes instrumentos de ordem material e ideal, como manifestações socioculturais e históricas;
- Conhecer, analisar, refletir e compreender critérios culturalmente construídos e embasados em conhecimentos afins, de caráter filosófico, histórico, sociológico, científico e tecnológico;
- Analisar, refletir, respeitar e preservar as diversas manifestações de Arte – em suas múltiplas funções – utilizadas por diferentes grupos sociais e étnicos, interagindo com o patrimônio cultural, que se deve conhecer e compreender em sua dimensão sócio histórica.
- Estimular o desenvolvimento das capacidades: **Ler, Escrever e Resolver problemas.**
- Estimular capacidades cognitivas e perceptivas, o senso crítico e político, o discernimento entre as divergentes situações sociais, ambientais e tecnológicas.

5.4 – Metodologia

Os métodos e técnicas serão desenvolvidos com liberdade e criatividade pelo(a) docente em conformidade aos objetivos e conteúdos propostos nos seguimentos de ensino, considerando na metodologia o tempo de aprendizagem como uma particularidade sensível/cognitiva de cada educando; e dimensão lúdica como recurso imprescindível; uso de recursos audiovisuais como recursos metodológicos da aprendizagem; considerar de modo crítico, valorativo e problematizando as informações socioculturais e estéticas contidas nas produções e nos discursos dos educandos; oportunizar o enriquecimento do repertório visual, sonoro, gestual dos estudantes com experiências e pesquisas sobre técnicas, materiais, espaços e condições; Assim como a



Governo do Estado do Amapá
Secretaria de Estado da Educação
Escola Estadual Everaldo da Silva Vasconcelos Junior

divulgação das atividades realizadas em ou fora de sala de aula, valorizando o conhecimento social de cada grupo de estudante da escola.

5.5 – Avaliação

A avaliação é uma ação pedagógica guiada pela atribuição de valor apurada e responsável das atividades dos alunos, o modo de transmitir os conteúdos que estão em jogo nas situações da aprendizagem.

Por não ser ela a finalidade do processo, deverá ser trabalhada no decorrer do mesmo, considerando que o aluno já traz consigo um conhecimento inato, e que o docente será um mediador da lapidação desse conhecimento.

Pretende-se avaliar se o aluno, além de seus conhecimentos próprios, reconhece, valoriza e respeita diferentes grupos étnicos, verificando e acompanhando de modo contínuo o desenvolvimento intelectual do aluno quanto a sua aprendizagem, **através de atividades escritas, plásticas e práticas considerando-se sempre os aspectos qualitativos sobre os quantitativos.**

A avaliação sendo um processo contínuo das atividades e conhecimentos aplicados e adquiridos, bem como das metodologias e seus recursos utilizados e produzidos deve ser o direcionamento ao professor, às competências e as habilidades esperadas para que sejam revistas e reformuladas quando necessários ao melhor processo de ensino-aprendizagem.

6 - Conteúdo Programático



Governo do Estado do Amapá
Secretaria de Estado da Educação
Escola Estadual Everaldo da Silva Vasconcelos Junior

Artes

ENSINO FUNDAMENTAL II

6º ano

I – UNIDADE

1 – IMAGINAÇÃO E EXPRESSÃO

- Origens das manifestações Artísticas;
- As linguagens da Arte: Artes Visuais;
- Além das Artes Visuais: Música, Teatro, Dança, Áudio Visual;
- Arte e registro do cotidiano.

1.1– IDENTIDADE E DIVERSIDADE I.

- Culturas Ancestrais: **Arte Rupestre**;
- Influências da Arte Indígena e Africana;
- Estudo de Símbolos e Simbologias;

1.2– Arte no Brasil

1.2.1 – Família Real Portuguesa;

1.2.2 – Missão Artística Francesa.

1.3– Noções de Leitura de Obras:

- Desenho: Geometria Plana e Espacial;
- Pintura: Uso das cores, policromia, ponto e linha;
- Cerâmica;
- Tecelagem;
- Escultura;
- Xilogravura.

II – UNIDADE

2 – CONCEITOS DA ARTES I

2.1– ARTE POPULAR OU DE MASSA

- Cultura e Folclore;
- Arte e Artesanato;
- Brinquedos, brincadeiras e brinquedos-cantados.



Governo do Estado do Amapá
Secretaria de Estado da Educação
Escola Estadual Everaldo da Silva Vasconcelos Junior

- Manifestações artísticas e culturais regionalizadas.
Música, Danças, Festas Religiosas, Costumês, Culinárias, etc.

2.2 – ARTE ERUDITA

- Arqueologia: o estudo das culturas antigas;
- Arte Clássica Influências Grega.
- Arte e Religião;
- Arte Barroca.

2.3 - ARTE E RECICLAGEM

- Reciclagem no artesanato e na indústria;
- Arte com produtos naturais;
- Brinquedos encantados.

III – UNIDADE

3 – CONTOS E HISTÓRIAS

- Fábulas, Lendas, Mitos, Jogos, Adivinhações, Ditados;

5.1 – Literatura: Produção de textos e histórias em quadrinhos;

5.2 – Teatro: interpretações de textos e do cotidiano.

IV - UNIDADE

4 – ARTE E SOCIEDADE

- Arte e cidade;
- Arte e política;
- O poder do propaganda;
- O mercado de arte;
- Modernismo: O Abaporu e a Antropofagia;
- Arte nos muros.

4.1 – Noções de Cidadania

- Respeito e responsabilidade;
- Preconceitos e bullying;
- Civilidade;



Governo do Estado do Amapá
Secretaria de Estado da Educação
Escola Estadual Everaldo da Silva Vasconcelos Junior

➤ Meio Ambiente.

V – UNIDADE

5 – ARTE DO LIXO AO CHIP

- Arte e tecnologia;
- Arte e design em papel reciclado;
- Arte para vivenciar;
- Arte e diversão: Caricatura;
- Arte e sentidos;
- Oitica e a Tropicália;
- Arte sem limite: a arte não tem limite;
- O dadaísmo;

PROJETO RAÍZES

13/11/15

REUNIAO PROJETO RAÍZES

PROPOSTA DO TEMA: PRINCIPAIS TIPOS DE PRECONCEITOS.

→ LINHAS TEMÁTICAS: PRECONCEITO DE RAÇA, GÊNERO, SOCIAL, DE COR

→ DENTRO DAS LINHAS TEMÁTICAS CADA TURNO PODERIA TRABALHAR OS TIPOS DE PRECONCEITOS.

→ A METODOLOGIA A SER TRABALHADA PARA A APRESENTAÇÃO DE CADA TURNO PODEM SER ATRAVÉZ DE APRESENTAÇÕES MUSICAIS E TEATRAIS, EXPOSIÇÃO DE PAINES (BANNER) ELABORADOS PELOS PROFESSORES E ALUNOS NO ESTILO APRESENTAÇÃO CIENTÍFICA.

→ AS FORMAS DE EXPOSIÇÃO E APRESENTAÇÃO SERÃO DE FORMA INTERDISCIPLINAR, OU SEJA, CADA ÁREA DO CONHECIMENTO TERÁ SUA CONTRIBUIÇÃO NOS REFERIDOS TRABALHOS.

↑
PROPOSTA PROVISÓRIA

PROJETO RAÍZES

17/11/15

"DIVERSIDADE: ESSA É A NOSSA NATUREZA"

1. PRECONCEITO, EXCLUSÃO E INCLUSÃO.

METODOLOGIA.

PRINCIPAIS PRECONCEITOS:

1. RACIAL
2. SEXISMO (FEM. MASC.)
3. SOCIAL
4. HOMOFÓBICO
5. DEFICIENTES
6. RELIGIOSO
7. PESO E TAMANHO
8. IDADE
9. NATIVISMO (IMIGRAÇÃO)
10. APARÊNCIA.

→ TRABALHAR COM TODOS OS TURNOS OS CONCEITOS

→ 1º TURNO (RACIAL, ^{DEFICIENTE}SEXISMO E SOCIAL).

2º TURNO (HOMOFÓBICO, SEXISMO E RELIGIOSO).

3º TURNO (IDADE, NATIVISMO E APARÊNCIA).

→ FERRAMENTA DE APRESENTAÇÃO

→ CONSTRUÇÃO OU ELABORAÇÃO DE UM TEXTO SÍNTESE SOBRE OS PRINCIPAIS CONCEITOS DOS PRECONCEITOS.

→ CADA SÉRIE TRABALHARIA UM TIPO DE PRECONCEITO.

CRONOGRAMA DAS ATIVIDADES QUE ANTECEDEM O PROJETO. FICA DEFINIDO QUE NA PRIMEIRA SEMANA DO 4º BIMESTRE CADA PROFESSOR TRABALHARIA OS ~~TEMAS~~ DE 04 A 09 DE JANEIRO. CONCEITOS

PROJETO RAÍZES 2015/16

06/01/16

- INSERIR OS PROFESSORES DAS SALAS AMBIENTES
- O TEMA DO TURNO DA NOITE FOI TRANSFERIDO PARA O TURNO DA TARDE E O TEMA DA TARDE FOI PARA NOITE.
- FAZER O LEVANTAMENTO COM OS PROFESSORES DO TIPO DE TRABALHOS A SEREM APRESENTADOS NOS TURNOS.
- FAZER
- O TURNO DA MANHÃ IRÁ COMEÇAR 09:00 - 11:30. ONDE OS PROFESSORES DEIXARÃO OS TRABALHOS

- DIA 12/03/16 - COMEÇAR ÀS 18:00
- FECHAR COM O SOM PARA O SÁBADO.
- PROCURAR UM BALCO
- MONTAR COMISSÃO DE ORGANIZAÇÃO
- APRESENTAÇÃO DA PROFE.: ANA CLÁUSIA PARA O DIA 12/03/16
- MONTAR LOGO DO PROJETO RAÍZES

FREQUÊNCIA

1. Sérgio Filho
2. Vãl Nogueira
3. Ana Paula Fereido.
4. Maria Lúcia Costa e Silva
5. Neliane Mator do Nascimento.
6. Brígide Barreto da Silva
7. Vanelei Maria Paiva da Cruz
8. Ana Luíza Vidura
9. M^{te} Célia Cohen
10. Hailson dos Santos Almeida.

CRONOGRAMA DE ATIVIDADES PARA O PROJETO RAÍZES: PRECONCEITO RACIAL (4GRUPOS); NECESSIDADES ESPECIAIS (3 GRUPOS), SOCIAL (3 GRUPOS)

PROFESSOR RESPONSÁVEL	PROFESSOR AUXILIAR	TURMAS	SUBTEMAS DO PROJETO	ATIVIDADE A SER REALIZADA
JOAQUIM FELIPE CORREA GARCIA	SEVERINO\IRACEMA	6º A OK	PRECONCEITO RACIAL (LEGISLAÇÃO)	PAINEL.
MARCELO FIGUEIRAS	GADELHA	6º B OK	PRECONCEITO SOCIAL.	DANÇA/MURAL (OK) 5 MIN.
JOÃO RONALDO	DEUSUITE	6º C OK	PRECONCEITO RACIAL	MURAL
KÁTIA MEIRELES	JACIARA	6º D OK	PRECONCEITO RACIAL	TRABALHO COM GRAFITE/DANÇA BREAK (5 MIN) OK
ELIELSON PEREIRA	ELIZETE	611	EXCLUSÃO, INCLUSÃO E PRECONCEITO	CORAL E DRAMATIZAÇÃO 10 MIN. OK
AMÓS TITO	CÉLIA	612 OK	NECESSIDADES ESPECIAIS	PAINEL/VIDEO/TEATRO (10 MIN) ↓ OK
ROSANA	NEIDSON GILIARD\EUGÊNIO	613	PRECONCEITO RACIAL OU SOCIAL.	FARÓDIA. OK 5 MIN
ALAN PEREIRA	LUIZA	711	PRECONCEITO SOCIAL	PAINEL DRAMATIZAÇÃO OK
ROMA REIS	VÂNIA	712 OK	PRECONCEITO RACIAL	FARÓDIA PAINEL
ELIZABETE SIMONE	MARILIA	713 OK	PRECONCEITO RACIAL E SOCIAL NECESSIDADES ESPECIAIS	APRESENTAÇÃO DE SLIDES/CAMISAS

04/02/16

CRONOGRAMA RAÍZES

18:30 - CORAL E DRAMATIZAÇÃO: EXCLUSÃO, INCLUSÃO E PRECONCEITO. PROF.: ELIELSON E ELIZETE. DURAÇÃO 10 MIN.

18:45 - DANÇA: PRECONCEITO SOCIAL. PROF.: MARCELO E GABRIELA. DURAÇÃO 05 MIN.

18:50 - PARÓDIA: PRECONCEITO RACIAL E SOCIAL. PROF.: ROZANA E EUGÊNIO. DURAÇÃO 05 MIN.

18:55 - DRAMATIZAÇÃO: PRECONCEITO SOCIAL. PROF.: ALAN FERREIRA E LÍZIA. DURAÇÃO 10 MIN.

■

19:00 - PARÓDIA. PROF.: VAL. DURAÇÃO 05 MIN.

19:10 - BREAK DANCE: PRECONCEITO RACIAL. PROF.: KÁTIA E JACIARA. DURAÇÃO 05 MIN.

19:15 - ~~TEATRO~~ TEATRO: NECESSIDADES ESPECIAIS. PROF.: ANÍS E CÉLIA. DURAÇÃO 10 MIN.

19:25 - APRESENTAÇÃO DE BATALHA DE MC'S. PROF.: NOMEIRA (232). DURAÇÃO 10 MIN.

19:35 - PARÓDIA COREOGRAFADA. PROF.: MARIOS. DURAÇÃO 10 MIN. (234).

19:45 - PARÓDIA COREOGRAFADA. PROF.: MICHELE. DURAÇÃO 10 MIN. (235).

19:55 -